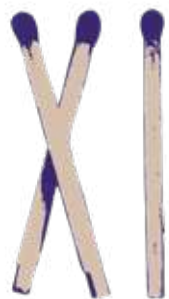


Ministério da Cultura, Laranjinha Itaú
e Olhares Instituto Cultural apresentam



MIT_{sp}

**11ª MOSTRA
INTERNACIONAL
DE TEATRO
DE SÃO PAULO**



MIT_{sp}

**11ª MOSTRA
INTERNACIONAL
DE TEATRO
DE SÃO PAULO**

EDITORA Mariana Marinho

EDITORA-ASSISTENTE Ana Elisa Faria

IDENTIDADE VISUAL Hélder Pessoa

PROJETO GRÁFICO E DESIGN Lila Botter e Amanda Dafoe

REVISÃO EDITORIAL Ferdinando Martins

REVISÃO Samantha Arana

SUMÁRIO

04	APRESENTAÇÃO
06	PALAVRAS-CHAMA EM TEMPOS DE INCERTEZAS
10	ESPETÁCULOS INTERNACIONAIS
36	MITbr – PLATAFORMA BRASIL
84	PERFORMA12h
104	OLHARES CRÍTICOS
116	AÇÕES PEDAGÓGICAS
126	FICHA TÉCNICA
129	AGRADECIMENTOS
134	INGRESSOS E ENDEREÇOS
136	GRADE DE ESPETÁCULOS
138	GRADE DE OLHARES CRÍTICOS E AÇÕES PEDAGÓGICAS

APRESENTAÇÃO

A MITsp – Mostra Internacional de Teatro de São Paulo chega à sua 11ª edição. Reconhecida como um dos principais festivais de teatro do Brasil, mantém sua vocação experimental e crítica, além de seu papel estratégico na valorização da cultura brasileira e no fortalecimento do intercâmbio internacional. Realizada de 6 a 15 de março de 2026 em diversos teatros e espaços culturais da capital paulista, a programação tensiona questões urgentes do nosso tempo e suas ressonâncias nas artes cênicas por meio de quatro eixos: Espetáculos Internacionais, MITbr – Plataforma Brasil, Olhares Críticos e Ações Pedagógicas.

ESPETÁCULOS INTERNACIONAIS

Produções contemporâneas de diferentes países e linguagens integram o eixo internacional, com trabalhos de artistas como o autor francês Édouard Louis, que tem dois de seus livros adaptados para o palco, dirigidos pelo encenador alemão Thomas Ostermeier e produzidos pela Schaubühne. *História da Violência*, espetáculo que abre a 11ª MITsp, é, ao mesmo tempo, um relato pessoal e uma análise social sobre amadurecimento, desejo e migração. Já em *Quem Matou Meu Pai*, Édouard, que também está em cena, parte do corpo quebrado do pai para propor uma reescrita da história política e social recente da França.

Pela primeira vez, o festival apresenta uma produção do Canadá: dirigida por Philippe Cyr, *Vigiada e Punida* sublima o ódio direcionado à cantora e compositora Safia Nolin numa obra musical. Também integram a programação obras de artistas que retornam à MITsp e mostram outras perspectivas de seu trabalho: o dramaturgo e ator congolês Dieudonné Niangouna apresenta *Do Lado de Cá*, um monólogo íntimo com traços autoficcionais, e o diretor suíço Milo Rau faz uma espécie de declaração de amor ao teatro em *A Carta*.

O eixo conta, ainda, com uma abertura de processo. Com concepção e atuação do palestino Mohammed Al Qudwa e direção da brasileira Martha Kiss Perrone, *Três Estações e um Corpo* | *Trois Saisons et un Corps* combina teatro, dança e caratê para questionar os significados de identidade e memória coletiva.

MITbr – PLATAFORMA BRASIL

Neste ano, a MITbr se expande em cinco frentes. A programação é composta por peças selecionadas pelos curadores convidados Carmen Luz, Francis Madson e Quito Tembe, obras em parceria com o projeto Conexões Centro-Oeste, do Itaú Cultural – com curadoria feita por Galiana Brasil e Carlos Gomes –, além de espetáculos convidados, aberturas de processos e uma virada noturna inédita dedicada especialmente à performance, a PERFORMA12h, com curadoria de Rodrigo Severo.

Ao todo, 18 trabalhos, que apresentam uma pluralidade de temáticas e linguagens da cena contemporânea nacional, integram esta edição do programa de internacionalização das artes cênicas brasileiras promovido desde 2018 pela MITsp. Durante o período do festival, a Plataforma Brasil recebe programadores e curadores de salas e festivais brasileiros e estrangeiros, incentivando a circulação e a construção de redes para trabalhos nacionais.

OLHARES CRÍTICOS E AÇÕES PEDAGÓGICAS

Ações reflexivas e pedagógicas completam a programação com debates, oficinas e encontros ancorados na transversalidade entre linguagens e na diversidade cênico-cultural, que colocam em pauta modos de criação e transmissão de saberes nas artes da cena. Com curadoria de Helena Vieira, os Olhares Críticos investigam o teatro como forma pública de pensamento, enquanto as Ações Pedagógicas, que tem curadoria de Alexandra G. Dumas, propõem um diálogo com práticas artísticas dissidentes e culturas populares.

PALAVRAS-CHAMA EM TEMPOS DE INCERTEZAS

A 11ª edição da MITsp – Mostra Internacional de Teatro de São Paulo reafirma sua vocação como espaço público de pensamento, encontro e fricção. O mote da identidade visual da MITsp 2026 nasce de palavras-chama: Incertezas, Ações de Resistência e Democracia. Não como slogans, mas como forças em movimento. Incerteza como condição do presente e também como motor de criação; resistência como prática cotidiana; democracia como exercício vivo, construído na pluralidade e no dissenso.

Em um mundo atravessado por conflitos armados, por deslocamentos forçados, por transformações tecnológicas aceleradas e por uma polarização amplificada pelas big techs, perguntamo-nos: até quando nossa democracia resistirá? Acreditamos que o teatro – em campo expandido – é uma das formas mais contundentes de sustentar essa pergunta. Sua força pulsa no coletivo, no gesto partilhado, na convivência entre diferenças, nas contradições que nos atravessam. É da fricção que emerge a potência.

Foi nessa fricção que aprendemos, ao longo de onze anos, o quanto somos capazes de realizar o que antes parecia improvável. A MITsp começou como um sonho dividido entre nós e, ao longo do tempo, ganhou corpo com uma equipe aguerrida, generosa e profundamente comprometida. Uma mostra que luta pela democracia ao reconhecer e sustentar a diversidade de vozes ocupando todos os espaços.

Pelo segundo ano consecutivo, não conseguimos apoio suficiente para realizar todas as ações que imaginamos e planejamos. Estamos trazendo apenas cinco espetáculos estrangeiros, o que impacta

diretamente a amplitude de perspectivas que tradicionalmente compõem a programação internacional. Na MITbr – Plataforma Brasil, a redução no número de peças também foi grande, o que compromete a força e a diversidade do panorama das artes cênicas brasileiras que é apresentado com vistas à circulação nacional e internacional.

Além disso, foram reduzidas as atividades dos eixos, diminuindo o número de debates, encontros, mediações e desdobramentos formativos que fazem da Mostra um organismo vivo para além das apresentações. Ainda assim, mantemos a convicção de que a MITsp possui uma plataforma de nacionalização e internacionalização potente, capaz de impulsionar a circulação de nossas artes cênicas, como tem ocorrido nos últimos anos. A MITbr é um espaço estratégico de articulação entre artistas brasileiros e programadores de diversas partes do país e do mundo, promovendo fluxos, intercâmbios e visibilidade.

Retomamos o Prática da Crítica, em parceria com a AICT-Brasil, ainda que num formato piloto e reduzido, reafirmando a crítica como prática de acompanhamento e elaboração do pensamento sobre a cena.

Realizamos também um sonho antigo, presente desde antes da 1ª edição da MITsp: a realização de uma noite de performances num formato estendido de 12 horas de duração. É o *PERFORMA12h*, materializado finalmente graças à parceria com o iBT – Instituto Brasileiro de Teatro. Além disso, numa ampliação de nosso diálogo e colaboração com o Itaú Cultural, será realizado o Conexões Centro-Oeste, ampliando a representação brasileira e fortalecendo o diálogo entre diferentes territórios e modos de produção.

A continuidade da Mostra é sempre um desafio e uma incerteza. Se seguimos é porque conhecemos o impacto transformador que um festival pode ter na vida de espectadores, artistas, estudantes e pesquisadores. Por isso, insistimos: é fundamental que as três instâncias do poder público estabeleçam políticas de Estado sólidas, estruturantes e continuadas para os festivais de artes cênicas do país. De uma vez por todas.

Saudamos e agradecemos todos os patrocinadores e apoiadores, a começar por aqueles que acreditaram e apoiaram o projeto desde o seu nascedouro, em 2014, até os mais recentes, que se juntaram a nós nesse último ano. Todos eles foram apoios decisivos para que esta edição se concretizasse.

A MITsp segue afirmando seu compromisso com uma programação que não se curva ao conservadorismo. Trazemos obras que confrontam estruturas de poder e expõem feridas abertas, convocando o espectador a uma escuta radical. Além disso, nessa edição, destaca-se a presença da palavra, a força do verbo e a relação intensa entre texto e ator, reafirmando o teatro como arte da presença e da linguagem encarnada. Reafirmamos ainda, como missão da Mostra, a urgência de enfrentar preconceitos persistentes e naturalizações violentas. Cada obra aqui apresentada compõe um mosaico de perspectivas que tensionam o real, ampliam o imaginário e afirmam a arte como campo de disputa simbólica.

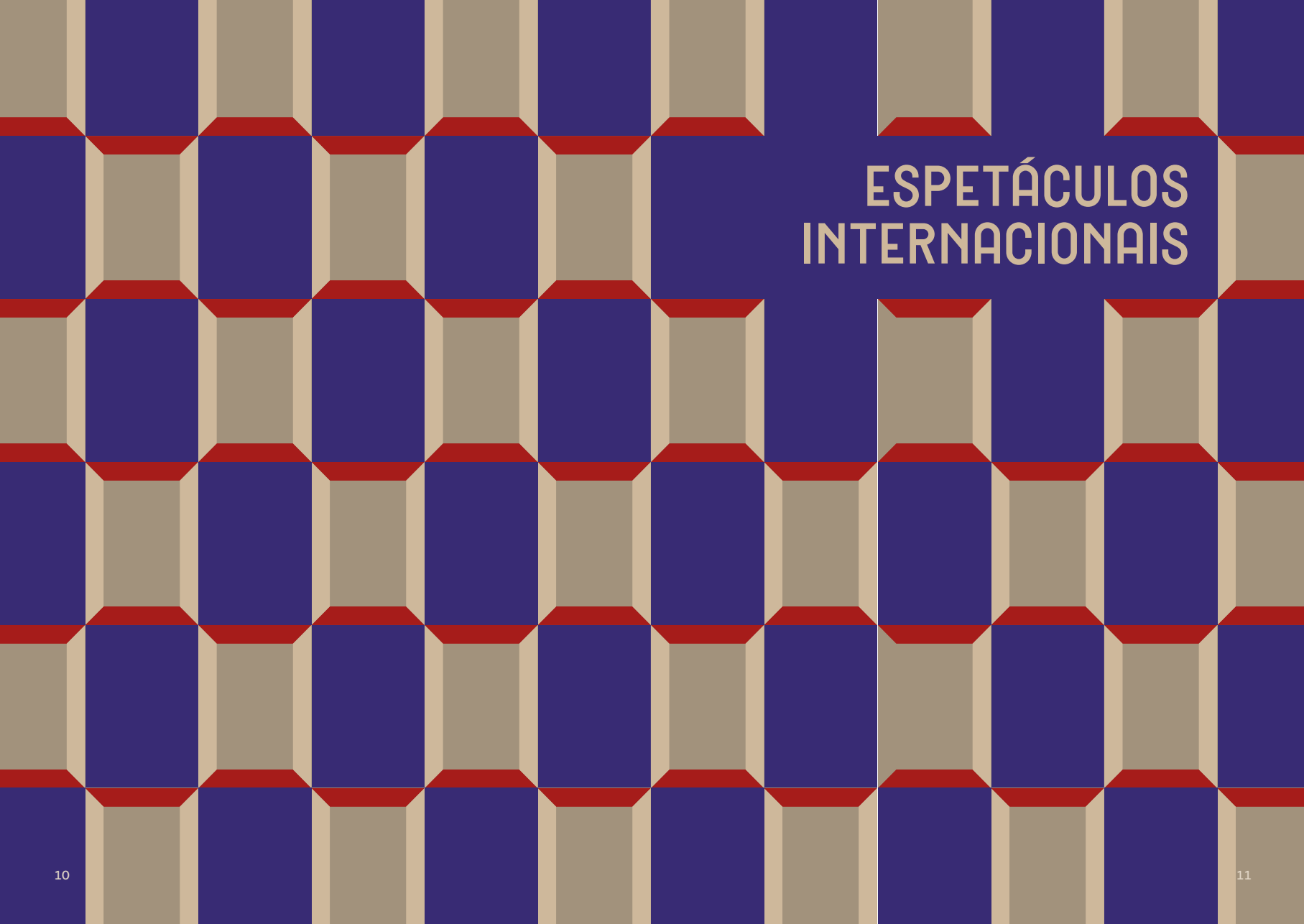
Três palitos de fósforo representam a edição número 11. Onze anos incendiários. Fósforos que acendem as chamas das ideias, como nos

lembra nosso designer, Hêlter Pessoa. Essa imagem simples e direta sintetiza o que somos: um festival que insiste em acender, mesmo quando o vento sopra contrário. A chama é frágil, mas é também expansiva; exige cuidado, mas ilumina. Que essa chama atravesse o tempo. Que ela resista. Que ela nos ilumine.

Um festival que tem São Paulo no nome merece ser cuidado à altura do que essa cidade representa: complexidade, diversidade, fratura e invenção permanente. Seguimos comprometidos com um teatro, uma dança e uma performance que não se acomodam, que enfrentam os impasses do presente e que insistem em existir como espaço público de pensamento e de encontro. Enquanto houver artistas com urgência de criar, equipes engajadas em construir e espectadores dispostos a se deixar afetar, a chama seguirá acesa. E nós seguiremos, juntos, alimentando esse fogo. Uma ótima 11ª edição!

ANTONIO ARAUJO E GUILHERME MARQUES

DIRETOR ARTÍSTICO E DIRETOR GERAL DE PRODUÇÃO, IDEALIZADORES DA MITsp



ESPETÁCULOS INTERNACIONAIS

HISTÓRIA DA VIOLÊNCIA

IM HERZEN
DER GEWALT

De Édouard Louis, com direção de
Thomas Ostermeier | Schaubühne

120 min | CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA 16 anos

Teatro Liberdade ♿ ∞

7/3, sábado, 21h | 8/3*, domingo, 20h

R\$ 100 (inteira) e R\$ 50 (meia) | Vendas on-line pelo
site da Sympa.

*Sessão com interpretação em Libras e audiodescrição.

Baseado no romance autobiográfico homônimo de Édouard Louis, o espetáculo é, ao mesmo tempo, um relato pessoal e uma contundente análise social sobre amadurecimento, desejo e migração. A obra reconstrói a noite em que o jovem Édouard conhece Reda, um homem de origem argelina, e o leva para seu apartamento em Paris. O encontro, inicialmente marcado pelo afeto, se transforma em uma experiência de extrema violência. A partir do trauma, a peça acompanha o percurso do protagonista entre a polícia, o sistema médico e o refúgio na casa da irmã, revelando como as reações institucionais e pessoais expõem o racismo, a homofobia e as estruturas obscuras de poder enraizadas na sociedade.

*Atenção: há
representação de
violência sexual
e uso de luzes
estroboscópicas.*

HISTÓRICO

Édouard Louis é um escritor francês. Nascido como Eddy Bellegueule, estudou sociologia com Didier Éribon na École Normale Supérieure, em Paris, cidade onde vive. Seu romance autobiográfico de estreia, *O Fim de Eddy* (2014), tornou-se o best-seller número um na França e foi traduzido para 18 idiomas. Seu segundo romance, *História da Violência*, foi publicado em 2017, seguido pelo estudo social *Quem Matou Meu Pai*. O autor recebeu o Prêmio Pierre Guénin por seu engajamento contra a homofobia.

Thomas Ostermeier é diretor-residente e membro da direção artística da Schaubühne desde 1999. Foi diretor artístico da Baracke, no Deutsches Theater de Berlim, além de ter dirigido produções no Münchner Kammerspiele, no Festival de Edimburgo, no Burgtheater de Viena e na Comédie-Française de Paris. Em 2004, tornou-se artista-associado do Festival de Avignon, onde apresenta regularmente suas obras. Recebeu o Leão de Ouro da Bienal de Veneza pelo conjunto de sua obra (2011), além de diversas outras honrarias.

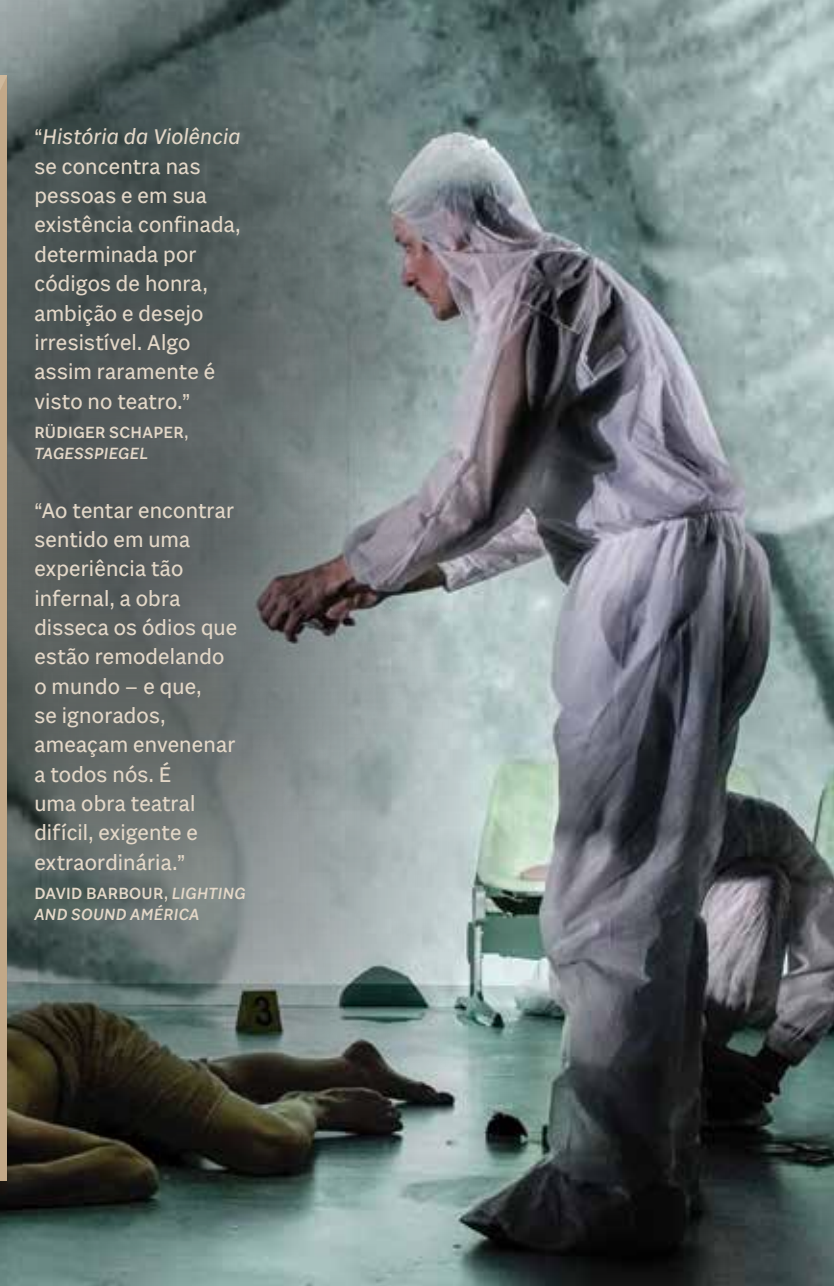
A Schaubühne é um dos teatros mais importantes de língua alemã e referência internacional. Fundado em 1962, em Berlim, e sediado desde 1981 na Schaubühne am Lehniner Platz, mantém no centro de seu trabalho um elenco fixo de cerca de 30 atores. Seu repertório reúne clássicos do teatro mundial e obras de autores contemporâneos, com mais de cem estreias nas últimas décadas.

"História da Violência se concentra nas pessoas e em sua existência confinada, determinada por códigos de honra, ambição e desejo irresistível. Algo assim raramente é visto no teatro."

RÜDIGER SCHAPER,
TAGESSPIEGEL

"Ao tentar encontrar sentido em uma experiência tão infernal, a obra dissecos os ódios que estão remodelando o mundo – e que, se ignorados, ameaçam envenenar a todos nós. É uma obra teatral difícil, exigente e extraordinária."

DAVID BARBOUR, LIGHTING
AND SOUND AMÉRICA



BASEADO NO ROMANCE DE ÉDOUARD LOUIS. TRADUÇÃO DO FRANCÊS POR HINRICH SCHMIDT-HENKEL. ADAPTAÇÃO DE THOMAS OSTERMEIER, FLORIAN BORCHMEYER E ÉDOUARD LOUIS

ELENCO Christoph Gawenda, Laurenz Laufenberg, Renato Schuch, Alina Stiegler | **MÚSICO** Thomas Witte | **DIREÇÃO** Thomas Ostermeier | **ASSISTENTE DE DIREÇÃO** David Stöhr | **CENOGRAFIA E FIGURINO** Nina Wetzel | **VÍDEO** Sébastien Dupouey | **MÚSICA** Nils Ostendorf | **DRAMATURGIA** Florian Borchmeyer | **ILUMINAÇÃO** Michael Wetzel | **ASSISTÊNCIA DE COREOGRAFIA** Johanna Lemke | **DIREÇÃO DE PALCO** Marija Vahldiek | **PONTO** Heike Kroemer | **SOM** Maxime Hladiy, Sebastian Melichar | **OPERADORES DE VÍDEO** Farah Cherkit, Tom Czapka | **ADEREÇOS** Soraya Shili, Anais Laskus | **TREINAMENTO DE COREOGRAFIA** Yeri Anarika Vargas Sánchez

COPRODUÇÃO COM O THÉÂTRE DE LA VILLE PARIS, O THÉÂTRE NATIONAL WALLONIE-BRUXELLES E O ST. ANN'S WAREHOUSE BROOKLYN. COM O APOIO DA LOTTO-STIFTUNG BERLIN

FOTOS ARNO DECLAIR

QUEM MATOU MEU PAI

QUI A TUÉ
MON PÈRE

De Édouard Louis, com direção de
Thomas Ostermeier | Schaubühne

90 min | CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA 12 anos

Sesc Pinheiros – Teatro Paulo Autran

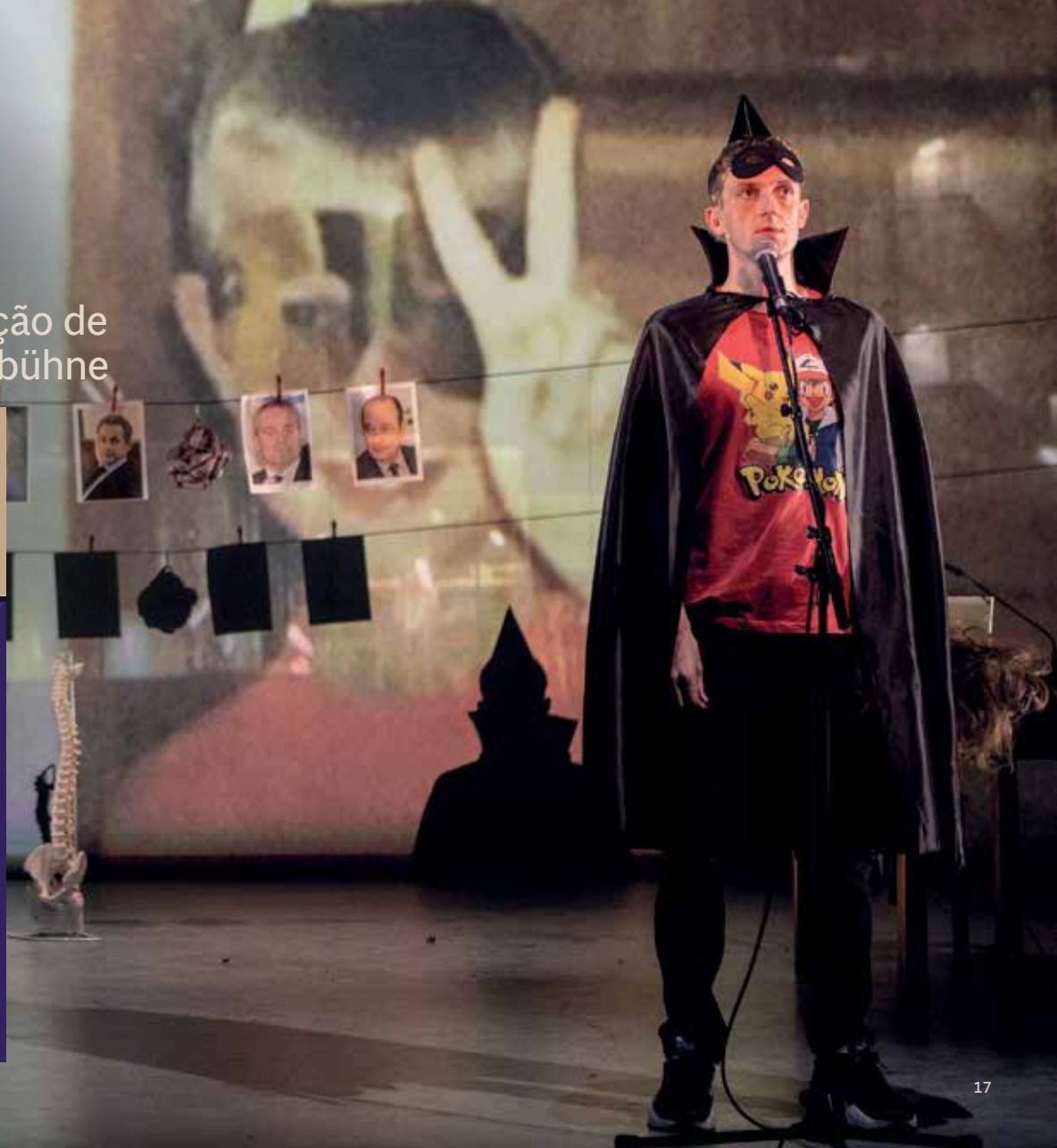


11, 12 e 13/3*, quarta, quinta e sexta, 20h

R\$ 60 (inteira) e R\$ 30 (meia) | Vendas on-line pelo
Portal do Sesc SP ou via aplicativo Sesc SP.

*Sessão com interpretação em Libras e audiodescrição.

O desgosto com que o escritor Édouard Louis olha para o pai – violento, alcoólatra, conservador e responsável por explosões homofóbicas que o traumatizaram – está enraizado em sua história. Porém, ao confrontar o genitor doente em seu livro homônimo, agora levado à cena pelo próprio autor, essa raiva se transforma em compaixão. Partindo do corpo quebrado do pai, Édouard propõe uma reescrita contundente da história política e social recente da França. A obra constrói um manifesto contra o esquecimento, a exclusão e a violência de uma sociedade atravessada por divisões de classe e, ao mesmo tempo, elabora uma declaração íntima de amor a alguém que se torna quase impossível amar.



“A peça avança lentamente e culmina em uma condenação de políticos franceses, como Nicolas Sarkozy e Emmanuel Macron, cujas medidas de austeridade ajudaram a destruir o corpo do pai de Édouard, assim como seu espírito. É um bom lembrete de que não é apenas o seu pai, mas a sua pátria – o seu país – que pode bloquear o seu futuro.”

VINSON CUNNINGHAM, *THE NEW YORKER*

“É uma atuação impressionante, realizada com muita inteligência em sua simplicidade, extraordinariamente comovente.”

GABI HILF, *NACHTKRITIK*

DE ÉDOUARD LOUIS

DIREÇÃO Thomas Ostermeier | **COM** Édouard Louis |

VÍDEO Sébastien Dupouey, Marie Sanchez |

CENOGRAFIA Nina Wetzel | **FIGURINO** Caroline Tavernier |

COMPOSIÇÃO Sylvain Jacques

| **DRAMATURGISMO** Florian Borchmeyer, Elisa Leroy |

PRODUÇÃO Anne Arnz, Elisa Leroy

| **ILUMINAÇÃO** Erich Schneider

| **ASSISTÊNCIA DE DIREÇÃO** Elisa Leroy, Amalia Starikow

| **ASSISTÊNCIA DE CENOGRAFIA** Felix Remme | **GERENTE DE PALCO** Roman Balko

QUEM MATOU MEU PAI
É UMA PRODUÇÃO DA
SCHAUBÜHNE BERLIN E DO
THÉÂTRE DE LA VILLE PARIS.
APOIADO PELO
DEPARTAMENTO DO SENADO
PARA CULTURA E EUROPA
(BERLIM, ALEMANHA)

FOTOS JEAN-LOUIS
FERNANDEZ

DO LADO DE CÁ DE CÉ CÔTÉ

Dieudonné Niangouna

55 min | CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA 14 anos

Sesc Vila Mariana – Teatro Antunes Filho 

13 e 14/3*, sexta e sábado, 20h | 15/3, domingo, 18h

R\$ 60 (inteira) e R\$ 30 (meia) | Vendas on-line pelo Portal do Sesc SP ou via aplicativo Sesc SP.

*Sessão com interpretação em Libras e audiodescrição.

Neste monólogo íntimo com traços autoficcionais, o dramaturgo congolês Dieudonné Niangouna questiona o teatro, o exílio e o seu lugar como artista entre dois mundos. O narrador, Dido, é um ex-ator que vive recluso em um bar, afastado da família, do país natal e do seu público. Assombrado por memórias e ausências, convive com os fantasmas do passado até o dia em que um diretor oferece um papel para ele em um espetáculo. Num cenário escuro e sóbrio, Dido é levado a encarar demônios, enterrar mortos e, por fim, voltar ao palco com uma visão renovada sobre como um teatro politicamente engajado deve ser.



“Por meio deste solo, Dieudonné Niangouna nos oferece um texto de grande beleza, um poema dramático cujas palavras, finamente lapidadas, ressoam com força. Deixamo-nos levar por sua voz nessa narrativa íntima e política. É um espetáculo único e poderoso.”

CHARLY GUIBAUD, *LA PROVENCE*

“A força de sua língua e a densidade de sua presença fazem deste monólogo um vibrante canto de amor ao teatro, último refúgio diante de guerras de todo tipo que abalam o mundo.”

FABIENNE ARVERS, *LES INROCKUPTIBLES*

HISTÓRICO

Dieudonné Niangouna é autor, diretor, ator e educador, nascido na República do Congo. Em 1997, fundou em Brazzaville a companhia Les Bruits de la Rue. Desde 2007, destacou-se no Festival de Avignon, onde foi artista associado em 2013. Sua obra textual prolífica, amplamente reconhecida na Europa, África e América Latina, é publicada por editoras como Les Solitaires Intempestifs e L'Espace d'un instant. Em 2021, recebeu da Académie Française um prêmio pelo conjunto de sua produção dramática. Também é romancista e poeta – *La Mise en Papa* venceu o Grand Prix Afrique Avant-Garde 2023 –, além de cofundador do Festival Mantsina-sur-Scène, em Brazzaville. Dele, a MITsp já apresentou *O Alicerce das Vertigens*, em 2019.



TEXTO, DIREÇÃO DE CENA E ATUAÇÃO Dieudonné Niangouna | **DESENHO DE LUZ E DIREÇÃO TÉCNICA** Laurent Vergnaud | **criação DE VÍDEO** Sean Hart | **PRODUÇÃO** Compagnie Les Bruits de la Rue | **COPRODUÇÃO** Théâtre des 13 Vents – CDN Montpellier

A COMPANHIA LES BRUITS DE LA RUE CONTA COM O APOIO DA DRAC ÎLE-DE-FRANCE – MINISTÉRIO DA CULTURA.

FOTOS SEAN HART

A CARTA *LA LETTRE*

Milo Rau

80 min | CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA 14 anos

Teatro do SESI-SP 

7/3, sábado, 19h | 8 e 9/3*, domingo e segunda, 18h

Grátis | Reservas on-line pelo Meu SESI, plataforma do Sesi-SP.

*Sessão com interpretação em Libras e audiodescrição.

Brincando com a premissa de que um jovem ator é moldado tanto pelos papéis que interpreta quanto pelo seu histórico familiar, o encenador suíço Milo Rau explora em cena os acontecimentos que, de forma imperceptível, alteram o curso da vida de qualquer um: conflitos geracionais, história política, amor e morte. Bem-humorada, a obra é um manifesto sobre o que o teatro popular pode ser hoje. Da história da heroína francesa Joana d'Arc à peça *A Gaivota*, do dramaturgo russo Anton Tchekhov, o espetáculo se desdobra em diversos planos, em um constante vaivém entre arte e vida – no qual até mesmo os mortos retornam ao palco com a ajuda de vozes gravadas.



“Com *A Carta*, Milo Rau é levado a uma forma teatral de pequenas dimensões, que se revela aqui uma verdadeira pequena lição de teatro, tão comovente quanto prazerosa, entrelaçando real e imaginário com simplicidade e maestria.”

FABIENNE DARGE, *LE MONDE*

“Rau busca a catarse da tragédia antiga. E, ainda que esta peça seja leve e engraçada, ela não escapa ao ditado que o autor se impõe há anos: ‘Não basta representar o mundo. É preciso mudá-lo’. Cabe a nós ousar encarar a dor. Representá-la. Oferecê-la. Como Arne e Olga fazem diante do público. Uma espécie de dom místico.”

FABIENNE PASCAUD, *TÉLÉRAMA*

HISTÓRICO

Milo Rau, nascido em Berna, na Suíça, é diretor, dramaturgo, ensaísta e cineasta. Seu trabalho se inscreve no chamado “teatro do real”, que dialoga com as inquietações contemporâneas. O autor investiga a violência na sociedade em peças frequentemente apresentadas em diversos países e festivais, como *The Last Days of the Ceaușescus* e *Hate Radio*. Ele costuma partir da intimidade da vida cotidiana para revelar a violência e a grandiosidade de uma tragédia. Desde 2002, criou cerca de 50 espetáculos e, em 2017, foi nomeado diretor artístico do teatro belga NTGent. Atualmente, é diretor do Wiener Festwochen. Foi o Artista em Foco da 6ª MITsp, na qual apresentou, *A Repetição. História(s) do Teatro (I)*, *Cinco Peças Fáceis* e *Compaixão. A História da Metralhadora*.

DIREÇÃO Milo Rau
| **TEXTO** Milo Rau
e equipe | **ELENCO**
Arne de Tremmerie,
Olga Mouak | **VOZES**
Anne Alvaro, Isabelle
Huppert, Jocelyne
Monier, Marijke
Pinoy | **DRAMATURGIA**
Giacomo Bisordi
| **ASSISTENTES**
ARTÍSTICOS Giacomo
Bisordi, Edward
Fortes | **CENOGRRAFIA,**
CONCEPÇÃO SONORA,
CONCEPÇÃO DE LUZ,
FIGURINOS E ADEREÇOS
Milo Rau, Giacomo
Bisordi | **ASSISTENTE DE**
FIGURINOS E ADEREÇOS
Julie Louvain |
DIREÇÃO TÉCNICA
Laurent Berger |
RESPONSÁVEL PELO SOM
Nadal Marchal

FOTOS CHRISTOPHE
RAYNAUD DE LAGE/FESTIVAL
DE AVIGNON

VIÇIADA E PUNIDA

Safia Nolin e Philippe Cyr
| Théâtre Prospero

SURVEILLÉE
ET PUNIE

80 min | CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA 16 anos

Teatro do SESI-SP

13/3, sexta, 21h | 14 e 15/3*, sábado e domingo, 20h

Grátis | Reservas on-line pelo Meu SESI, plataforma do Sesi-SP.

*Sessão com interpretação em Libras e audiodescrição.

Sublimar o ódio: foi com este objetivo que a cantora e compositora Safia Nolin e o diretor Philippe Cyr criaram esta obra musical, que parte dos milhares de insultos reais dirigidos à artista. Questionando que significado damos à liberdade de expressão quando ela irrompe em violência, Safia se coloca no centro da cena, encarando um coro que despeja sobre ela uma série de ofensas. Irmandade e solidariedade são fundamentais para essa celebração dramática, que também serve como apelo à ação coletiva. Em resposta à punição infligida pelo discurso público, a intérprete se arma com seu violão e reconquista o espaço do qual foi expulsa.

Atenção: o espetáculo se baseia em linguagem de ódio, incluindo misoginia, gordofobia, racismo, homofobia, incitação ao suicídio, assédio e referências à morte.



“Um espetáculo comovente, de grande beleza apesar da feiura das palavras. Um soco no plexo solar que me abalou como raramente antes.”

STÉPHANIE MORIN, *LA PRESSE*

“É uma ilustração espetacular do veneno que o ódio, o assédio e a violência on-line representam.”

KATERINE VEREBELY, *ICI RADIO-CANADA PREMIÈRE*

HISTÓRICO

Safia Nolin é uma cantora e compositora canadense que se reconhece como um sujeito político em si, por meio das batalhas que trava, dos temas que aborda e de sua própria aparência. Vista como “deformada” por sua condição de mulher racializada e artista lésbica, que não se encaixa nos chamados padrões femininos, ela prefere abraçar essa imagem dissonante a reagir ao que não é. Lançou álbuns como *Limoilou*, *Reprises* (vol. 1 e 2), *Dans le Noir* e *SEUM*, além de miniálbuns e singles.

Philippe Cyr é um diretor de teatro canadense. Nos últimos anos, criou cerca de 25 espetáculos, desenvolvendo uma trajetória marcada por questionamentos formais e um olhar incisivo sobre as áreas cinzentas da existência. Seu trabalho é amplamente reconhecido pelo público e pela crítica, e já foi apresentado em turnês pelo Canadá, pela América do Sul e pela Europa. Entre suas principais obras estão *Le iShow*, *Le Poids des Fourmis* e *J'aime Hydro*. Desde 2021, é diretor artístico e codiretor executivo do Théâtre Prospero.



LIBRETO Safia Nolin, Jean-Philippe Baril Guérard | **MÚSICA** Safia Nolin, Vincent Legault | **CRIAÇÃO E DIREÇÃO** Philippe Cyr | **COM** Safia Nolin, Katia Lévesque | **DIREÇÃO DO CORO LOCAL** Tiago Pinheiro | **CORO** Mathieu Abel, Cristine Cimon Fortier, David Cronkite, Ryan Doyle Valdés, Étienne Guertin, Claudine Ledoux, Kimberly Lynch, Florence Tremblay e artistas locais | **CORO LOCAL** Augusto Lima, Cássio Pereira, Chiara Guttieri, Claudio Marques, Eliane Aquino, Fábio Vianna Peres, Felipe Panelli, Jonas Mendes, Leonardo Koscianski, Luísa Santana, Narilane Camacho, Patricia Nacle, Wilian Manoel

UMA CRIAÇÃO DO PROSPERO, EM COPRODUÇÃO COM A L'HOMME ALLUMETTE, O THÉÂTRE FRANÇAIS DU CENTRE NATIONAL DES ARTS (OTTAWA) E O LES PLATEAUX SAUVAGES (PARIS), EM COLABORAÇÃO COM O THÉÂTRE DU TRIDENT (QUEBEC). DESENVOLVIDO COM O APOIO DO FUNDO NACIONAL DE CRIAÇÃO DO NATIONAL ARTS CENTRE. VIGIADA E PUNIDA FOI CRIADO NO ÂMBITO DO FESTIVAL TRANSAMÉRIQUES (FTA), EM 2024.

FOTOS MAXIM PARÉ FORTIN

TRÊS ESTAÇÕES E UM CORPO | TROIS SAISONS ET UN CORPS

Mohammed Al Qudwa
e Martha Kiss Perrone

50 min | CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA 12 anos

iBT – Instituto Brasileiro de Teatro

10/3, terça, 15h e 18h

Grátis | Reservas on-line pelo site da Sympla.

Cinco guerras atravessam a vida de Mohammed Al Qudwa em Gaza – e a última ainda não terminou. Quando a primeira irrompe, o jovem palestino tem cinco anos. E, depois, doze, quinze e dezoito anos. O estudante aplicado daquela época se torna um exímio praticante de caratê e um poeta que coloca palavras no indizível de um cotidiano atingido por bombas, de um corredor humanitário que não tem nada de humano, de uma esperança cujas fundações ainda precisam ser reconstruídas. Nesta abertura de processo, com direção da brasileira Martha Kiss Perrone, por meio das palavras e gestos que combinam teatro, dança e caratê, Mohammed questiona os significados de identidade e memória coletiva de uma terra e de um povo que vivem um século de massacres ininterruptos. Seu trabalho explora as tensões entre esperança e genocídio por meio de uma poesia enraizada na experiência cotidiana dos palestinos.



il se réduit en miettes, comme
un biscuit,

HISTÓRICO

Mohammed Al Qudwa é artista e escritor palestino de Gaza, além de carateca e estudante de engenharia da computação. Em 2024, foi convidado a participar do PalFest – Festival de Literatura Palestina, que divulgou o poema *Longing for Haifa* em campanha que possibilitou sua evacuação para o Egito e, depois, para o Chipre, onde segue seus estudos. No mesmo ano, foi selecionado para residência artística na França pelo programa Sawa Sawa. *Trois Saisons et un Corps* integra o projeto *The Humanitarian Corridor*, que documenta violações sofridas por palestinos ao atravessarem corredores humanitários no sul de Gaza.

Martha Kiss Perrone é diretora, performer e dramaturga, formada em artes visuais e artes dramáticas. Integra a coletivA ocupação, com a qual dirigiu e escreveu os espetáculos *Quando Quebra Queima* e *Erupção*, premiado como melhor direção no The Stage Debut Awards, em Londres. Assina também *Rôzà*, *Revolta Lilith*, o filme-instalação *Leste* e a dramaturgia de *Antígona na Amazônia*, do diretor suíço Milo Rau. No cinema, colaborou com filmes como *Elena* e *Olmo* e *a Gaivota*, ambos de Petra Costa.



PERFORMANCE, DRAMATURGIA E CONCEPÇÃO Mohammed Al Qudwa | **DIREÇÃO** Martha Kiss Perrone | **COLABORAÇÃO DRAMATÚRGICA** Maëlle Poésy | **MÚSICA** Anelena Toku, Wasim Al Sisi | **ILUMINAÇÃO** Nara Zocher | **DIREÇÃO DE PRODUÇÃO E ASSISTÊNCIA DE DIREÇÃO** Georgia Kirilov | **TRADUÇÃO E OPERAÇÃO DE LEGENDA NA MITSp** Rawa Alsagheer | **DIREÇÃO DE PALCO** Alícia Esteves | **PRODUÇÃO** Théâtre Dijon Bourgogne | **COPRODUÇÃO** Nouveau Théâtre Besançon, Passage Transfestival, NEST - CDN transfronteiriço de Thionville-Grand Est, MA Scène nationale **COM O APOIO DE** Paris L'été, Transversales | Scène Conventionnée Cirque à Verdun, Festival d'Automne, Espace des Arts, Scène nationale Chalon-sur-Saône, la Vapeur

O THÉÂTRE DIJON BOURGOGNE CONTA COM O APOIO DO PAUSE, PROGRAMA NACIONAL DE ACOLHIMENTO DE EMERGÊNCIA DE CIENTISTAS E ARTISTAS NO EXÍLIO, PROMOVIDO PELO COLLÈGE DE FRANCE.

FOTOS RAPHAEL RODRIGUES

MIT_{br}
PLATAFORMA BRASIL

Em sua 7ª edição, o programa de internacionalização das artes cênicas brasileiras da MITsp amplia e diversifica sua programação em cinco frentes.

CONVOCATÓRIA NACIONAL

Os curadores convidados Carmen Luz, Francis Madson e Quito Tembe realizaram uma seleção de trabalhos a partir da análise de obras inscritas por meio da convocatória pública da plataforma. Desse desenho curatorial, três espetáculos integram a programação.

- *Epílogo*, de chameckilerner
- *Para Mariela*, do Grupo Sobrevento
- *Ta | Sobre Ser Grande*, do Corpo de Dança do Amazonas

CONEXÕES CENTRO-OESTE

Em parceria com o projeto Conexões, do Itaú Cultural, que coloca em relevo a produção cênica de biomas e/ou regiões do Brasil, a MITbr reúne seis trabalhos vindos do Centro-Oeste. A seleção, também realizada por meio dos inscritos via convocatória pública da plataforma, tem curadoria de Galiana Brasil e Carlos Gomes.

- *Atrás das Paredes*, da Cia Plágio de Teatro
- *Cabeça de Toco, Aqui Tudo é Mato*, de Febraro de Oliveira, Marcos Mattos, Marcus Perez e Renata Leoni | Arado Cultural
- *Cavucada – A Festa não será Amanhã*, da Cia Dançurbana
- *Dança Boba*, do Ateliê do Gesto

- *Galhada, em Tempos de Fissura*, do Teatro do Instante
- *Republikkk ou Encruzilhada Não é Beco*, do Teatro Gueroba

PERFORMA12h

Pela primeira vez, a MITsp realiza um evento dedicado exclusivamente à performance. Cinco obras de coletivos e artistas pretos foram selecionadas pelo curador Rodrigo Severo para serem apresentadas em uma virada noturna, durante 12 horas consecutivas.

- *Aparição, Nego Fugido*, de Nego Fugido
- *Cabeça de Cabaças*, de Keila-Sankofa | Da Várzea das Artes
- *Axexê da Negra ou o Descanso das Mulheres que Mereciam Ser Amadas*, de Renata Felinto
- *Transcrições Consanguíneas*, de Panamby
- *Mandinga Major Ball*, de Puma Camillê | Haus of Basquiat e Capoeira para Todes

ESPETÁCULOS CONVIDADOS

- *Filoctetes em Lemnos*, de Vinicius Torres Machado
- *Vogue Funk*, de Patfudyda | Quafá Produções

ABERTURAS DE PROCESSO

- *SSOL – Paisagem 03*, de Wagner Antônio
- *Jukybox*, de Cris Meirelles e Jaya Batista

EPÍLOÇO

chameckilerner

60 min | CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA 16 anos

Centro Cultural São Paulo – Espaço Cênico Ademar Guerra 🗎 ♻️

11/3*, quarta, 18h | 12/3, quinta, 16h

R\$ 40 (inteira) e R\$ 20 (meia) | Vendas on-line pelo site da Sympla.

*Sessão com interpretação em Libras e audiodescrição.

Desafiando o fetichismo da juventude eterna e subvertendo o corpo normativo, o espetáculo concebido pelo duo chameckilerner se apoia em um vocabulário físico inspirado em nus icônicos da história da arte. Essas pinturas, fotografias e esculturas ganham vida por meio de performers com idades, habilidades, origens raciais e gêneros diversos, destituindo o “corpo padrão” de seu poder no imaginário visual. Movida por histórias pessoais, pela passagem do tempo e pelas experiências acumuladas inscritas em cada corpo, a obra cria um espaço em que a identidade não é limitada pela idade. Em cena, a presença de corpos que carregam as marcas do tempo em sua pele deixa de ser fonte de temor e passa a ser motivo de fascínio, despertando um complexo jogo de identificação e desejo.



“Enquanto as obras de arte capturam os corpos em um único momento no tempo – muitas vezes fetichizando ou idealizando seus sujeitos –, o espetáculo se interessa mais por como o tempo altera e marca o corpo, assim como pela percepção do corpo sobre si mesmo. Uma meditação sobre a mudança, a obra é também um tipo de recomeço.”

SIOBHAN BURKE, *THE NEW YORK TIMES*

HISTÓRICO

chameckilerner é um duo interdisciplinar fundado em 1993, em Nova York, pelas artistas brasileiras Rosane Chamecki e Andrea Lerner. Formadas em dança pela PUC/PR, desenvolvem há mais de três décadas uma pesquisa dedicada às fronteiras entre dança e mídias temporais. Criaram performances, vídeos e instalações apresentados em espaços como Masp, MassMoca, The Kitchen e Summerstage. Receberam prêmios como Guggenheim Fellowship, Foundation for Contemporary Arts e NYFA, realizaram residências no Watermill Center e na Robert Rauschenberg Foundation e apresentaram seus trabalhos nas Américas e na Europa, entre 2003 e 2004, foram as curadoras da Casa Hoffmann, em Curitiba.

CONCEPÇÃO E DIREÇÃO

Rosane Chamecki, Andrea Lerner | **INTÉRPRETES-**

CRIOADORES DA PEÇA ORIGINAL

Bria Bacon, Anne Gridley, Jody Oberfelder, Jailyn Phillips-Wiley, Viviana Rodriguez, Fabio Tavares

| **ELENCO NA MITsp** Vanessa

Vieira de Oliveira, Alucas

Santos, Israel Sulivan

Rodrigues do Amaral,

Katia Maria Coelho

Drumond, Cristiane dos

Santos Souza, Nautilio

Bronholo Portela, Princesa

Ricardo Marinelli Martins,

Nadya Romanowski Foltra

| **TRILHA SONORA** Paul

Parreira | **DESENHO DE LUZ**

ORIGINAL Stan Pressner

| **CENÁRIO** Taylor Friel,

chameckilerner | **OPERAÇÃO**

DE SOM chameckilerner

| **PRODUÇÃO EXECUTIVA,**

REALIZAÇÃO E PRODUÇÃO

chameckilerner, Corpo

Rastreado | **COPRODUÇÃO**

The Chocolate Factory

Theater, New England

Foundation for the Arts

| **APOIO E PARCERIA** The

Bogliasco Foundation,

Gibney DIP Residency

PARA MARIELA

Grupo Sobrevento

75 min | CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA Livre

Espaço Sobrevento 

13 e 14/3*, sexta e sábado, 21h

Grátis | Reservas on-line pelo site da Sympla.

*Sessão com interpretação em Libras e audiodescrição.

O espetáculo celebra os 40 anos do Grupo Sobrevento com uma reflexão sobre os sonhos de uma vida simples e as complexidades da imigração. Baseada em histórias de crianças imigrantes bolivianas que vivem na vizinhança da sede da companhia, no bairro do Belém, zona leste de São Paulo, a peça parte de objetos cotidianos para criar uma narrativa poética. Músicas e sonoridades de diferentes regiões da Bolívia revelam o ambiente do espetáculo e a busca por um mar utópico, que simboliza os sonhos de um futuro mágico e a infância deixada para trás.



“Para Mariela é um espetáculo que combina de forma sensível e inventiva o teatro de objetos, a cultura boliviana e a poesia do cotidiano. A peça é uma celebração da humanidade e dos vínculos que nos unem, independentemente das fronteiras.”

BOB SOUSA, EM FOCO

“Assistir às montagens do coletivo significa, de distintos modos, acessar aquilo que de melhor se possa ter internamente. Obras de beleza estética impressionantes; de temáticas aterradas à história da modernidade, a partir de pontos de vista de gente que é vizinha e parceira.”

ALEXANDRE MATE

HISTÓRICO

O Grupo Sobrevento, formado em 1986, é uma companhia profissional de teatro que se dedica à pesquisa da animação de bonecos, formas e objetos. Mantendo um trabalho estável e ininterrupto desde a sua criação, já se apresentou em mais de uma centena de cidades de todas as regiões do Brasil e também esteve em diversos países. Seus espetáculos receberam prêmios como Shell, APCA e Maria Mazzetti. Em 2025, recebeu um prêmio especial da APCA pelas quatro décadas de trajetória e pelas atividades em sua sede na zona leste de São Paulo.



criação Grupo

Sobrevento | **DIREÇÃO**

Luiz André Cherubini,
Sandra Vargas |

DRAMATURGIA Sandra

Vargas | **ELENCO** Sandra
Vargas, Luiz André
Cherubini, Maurício
Santana, Agnaldo

Souza, Liana Yuri, Daniel

Viana | **MÚSICOS** Goyo,

Lolo, Juan Cusicanqui

| **ILUMINAÇÃO** Renato

Machado | **FIGURINO** João

Pimenta | **CENOGRAFIA,**

DIREÇÃO MUSICAL E

ADAPTAÇÃO DAS CANÇÕES

Luiz André Cherubini

| **BONECOS E MÁSCARAS**

Agnaldo Souza, Luiz

André Cherubini, Mandy,

Liana Yuri | **SUPERVISÃO**

DE CULTURA BOLIVIANA

Juan Cusicanqui | **TÉCNICO**

DE ILUMINAÇÃO Marcelo

Amaral | **PRODUÇÃO**

Maurício Santana

O PROJETO ESPAÇO SOBREVENTO
É REALIZADO PELO MINISTÉRIO DA
CULTURA E GOVERNO DO ESTADO
DE SÃO PAULO - SECRETARIA DA
CULTURA ECONOMIA E INDÚSTRIA
CRIATIVAS, POR MEIO DO EDITAL
FOMENTO CULTSP – PNAB Nº
38/2024.

FOTOS LAURO MEDEIROS

TA | SOBRE SER GRANDE

Corpo de Dança do Amazonas

70 min | CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA Livre

Teatro Sérgio Cardoso 

10 e 11/3*, terça e quarta, 20h30

R\$ 40 (inteira) e R\$ 20 (meia) | Vendas on-line pelo site da Sympla.

*Sessão com audiodescrição.

Para os tikuna, povo originário que ocupa uma vasta área do estado de Amazonas, a palavra “TA” significa grande. Eles acreditam que a língua é parte deles, assim como os sons do ambiente fazem parte do idioma que se fala, sejam roncões, chiados e demais sonoridades que conseguem escutar. Os tikuna também definem onde vivem como “TA”, um território que abriga, acolhe, alimenta e precisa de cuidados. Com coreografia de Mário Nascimento e trilha sonora original do DJ Marcos Tubarão, o espetáculo, que conta com bailarinos do Corpo de Dança do Amazonas, apresenta a conexão entre a dança e a identidade cultural amazônica, homenageando seu povo e a natureza local.



Atenção: há momentos pontuais de som em volume alto.

“O espetáculo, com sua dialética, nos surpreende de uma maneira justa. Não porque, uau, vejamos, é um ótimo espetáculo vindo da Amazônia – aquele tipo de surpresa solidária que só indica as formas amáveis da xenofobia; mas porque é um ótimo espetáculo que nos arranca das tipificações. E, nessa direção, nos prepara para receber, no Sul e no Sudeste, artistas amazônidas que, com trabalhos sustentados como este, possam circular representando Nelson Rodrigues, Heiner Müller, Shakespeare, ou eles e elas mesmas.”

KIL ABREU

HISTÓRICO

O Corpo de Dança do Amazonas foi criado em 1998. Referência em dança contemporânea na região amazônica, a companhia mantém uma programação artística com repertório diverso. São mais de 60 obras realizadas com a colaboração de artistas convidados do Brasil e do exterior, que mostram a diversidade cultural local por meio da pluralidade da linguagem. O CDA visa articular diálogos que ampliam e potencializam sua capacidade de atuação, pensando e repensando sua função e contribuição na formação cultural, considerando a singularidade da Amazônia e a diversidade e abrangência da cultura.



DIREÇÃO ARTÍSTICA E

COREOGRAFIA Mário

Nascimento | **ELENCO**

Adailton Santos, Adriana Goes, Felipe Cassiano, Frank William, Gabriela Lima, Huana Viana, Ian Queiroz, Julio Galucio, Larissa Cavalcante, Liene Neves, Luan Cristian, Marcos Felipe, Pammela Fernandes, Rosi Rosa, Talita Torres, Thaís Camillo, Victor Venâncio, Valdo Malaq | **PRODUÇÃO**

ARTÍSTICA Wallace

Eldon | **ASSISTENTES**

DE COREOGRAFIA Helen Rojas, Paulo Chamone |

TRILHA SONORA ORIGINAL

DJ Marcos Tubarão

| **DESIGN DE LUZ** João

Fernandes | **FIGURINOS** Ian

Queiroz | **PROFESSORA DE**

CONDICIONAMENTO FÍSICO

Liene Neves | **INSPECTOR**

Eduardo Klinsmann |

FISIOTERAPEUTA Danilo

Mattos | **ESTAGIÁRIA DE**

FISIOTERAPIA Eduarda

Vitória

APOIO: GOVERNO DO AMAZONAS
E SECRETARIA DE CULTURA
E ECONOMIA CRIATIVA DO
AMAZONAS

FOTOS PATI GUIMARÃES

FILOCTETES EM LEMNOS

Vinicius Torres Machado

60 min | CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA 16 anos

TUSP  

7, 8* e 9/3, sábado, domingo e segunda, 17h

R\$ 40 (inteira) e R\$ 20 (meia) | Vendas on-line pelo site da Sympla.

*Sessão com audiodescrição.

O solo de Vinicius Torres Machado, dirigido por Marina Tranjan, acompanha Filoctetes: herói, mas não o suficiente para suportar a dor de uma ferida que não cicatriza. Diante de sua carne podre e gritos aterradores, os companheiros de guerra o abandonam no caminho a Troia. Assim, Filoctetes vive sozinho na Ilha de Lemnos por nove anos, tendo de aguentar essa ferida incurável. A partir do mito grego, o artista apresenta a matéria do próprio corpo após a retirada de parte do seu nervo ciático e musculatura posterior, em decorrência do tratamento de um tumor. Sem alguns movimentos da perna direita e uma ferida causada pela radioterapia, que há 20 anos se abre de tempos em tempos, ele se aproxima de Filoctetes para tratar da fragilidade corporal atualizada na forma humana.

Atenção: há momentos pontuais de som em volume alto.



“O que se apresenta é a síntese poética de um experimento científico, que somou à vitória da medicina contra o câncer a resiliência consumada de um reles sobrevivente. Calhou que este fosse um ator e encenador em plena forma, capaz inclusive de performar essa ausência de narrativa sem lançar mão nem da tragédia grega, nem do drama subjetivo documentário.”

LUIZ FERNANDO RAMOS

“A obra é de um abandono de outra ordem; do de dentro, parece. A plateia se faz presente como espelho, como testemunha. Torres Machado performa um sutil desespero ou o desespero da sutileza. Imagens se fazem e desfazem num tempo próprio que se produz na vastidão daquela ilha cênica, inóspita e profundamente habitada sensivelmente pelas tantas camadas da encenação de Tranjan.”

AMILTON DE AZEVEDO, *RUÍNA ACESA*

HISTÓRICO

Vinicius Torres Machado é diretor, performer e dramaturgo. Professor do Instituto de Artes da Unesp, é graduado em interpretação teatral, com mestrado e doutorado em artes cênicas pela ECA/USP. Suas principais áreas de pesquisa envolvem teoria teatral e estética. Publicou os livros: *A Máscara no Teatro Moderno: Do Avesso da Tradição à Contemporaneidade*; *A Cena em Devir: Um Instante para que Algo Inexista*; e *Em Tempo, Introdução à Performatividade na Grécia Antiga*, este em parceria com João Pedro Ribeiro. Dentre as criações de Machado destacam-se os espetáculos *A Porta*, *Aporia 23oS 46oO*, *Com os Bolsos Cheios de Pão*, *Revoltar* e *Filoctetes em Lemmos*.



CONCEPÇÃO GERAL

E PERFORMANCE

Vinicius Torres

Machado | **DIREÇÃO**

E CRIAÇÃO Marina

Tranjan | **DESENHO**

DE SOM E CRIAÇÃO

Pedro Canales

| **ASSISTÊNCIA DE**

DIREÇÃO, ASSISTÊNCIA

DE PRODUÇÃO E

DESIGN Luane Sato |

ACOMPANHAMENTO DE

MOVIMENTAÇÃO Laura

Puche | **CENOTECNIA E**

PESQUISA DE MATERIAIS

Beatriz Mendes |

CENOGRRAFIA Eliseu

Weide | **ILUMINAÇÃO**

Wagner Antônio,

Dimitri Luppi |

FOTOGRAFIA Ju Paié,

Helyana Manso |

TRADUÇÃO Giulia

Fontes Gadel |

COORDENAÇÃO DE

PRODUÇÃO Léo Birche

| **ASSISTÊNCIA DE**

PRODUÇÃO E MONTAGEM

Juan Luís, P Olionis,

Pedro Alves

FOTOS HELYANA MANSO

VOQUE FUNK

Patfudyda | Quafá Produções

60 min | CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA 16 anos

Centro Cultural São Paulo – Sala Adoniran Barbosa 

7* e 8/3, sábado e domingo, 21h

R\$ 40 (inteira) e R\$ 20 (meia) | Vendas on-line pelo site da Sympla.

*Sessão com interpretação em Libras e audiodescrição.

Das vielas para os palcos, das batalhas nas ruas para os holofotes, dos fios emaranhados dos postes ao fio-dental das gatas: baile funk e vogue ball se cruzam no espetáculo de dança dirigido por Patfudyda. Originados em contextos geográficos e cronológicos distintos, os movimentos têm em comum a origem periférica e predominantemente preta, além de serem símbolos de resistência cultural, política e social. O trabalho reúne artistas de ambas expressões artísticas e explora a atitude coreográfica dos dois universos. Em cena, poses e passos desafiam convenções e elaboram novas relações históricas e culturais.

Atenção: há uso de luzes estroboscópicas e momentos de som em volume alto.

“A variedade artística e estética e a potência técnica transbordam o reconhecimento de seu pertencimento aos palcos. Mas aqui é a colagem de universos que mostra o impacto do convívio, do contato e a potência da festa e da celebração como formas de resistência e expressão artística e cultural.”

HENRIQUE ROCHELLE, *CRÍTICA DE MINUTO*

“*Vogue Funk* é um símbolo de resistência e visibilidade para as artes periféricas.”

QUINTINO GOMES FREIRE, *DIÁRIO DO RIO*

HISTÓRICO

Wallace Ferreira/Patfudyda é coreógrafa, performer e artista visual. Formada em dança pela UFRJ e artes pelo Parque Lage, com residência no Instituto Inclusartiz, recebeu o Prêmio ImPulsTanz para Jovens Coreógrafos (2022) e o Prêmio FOCO ARTRIO (2024), sendo nomeada Artista em Foco da MITbr 2025. Seus trabalhos, como *Atraque*, *Vogue Funk* e *Trilogia Repertório*, consistem em estudos de códigos sociais coreografados por corpos dissidentes. Na ballroom, faz parte da Undeniable Haus of Basquiat, além de ser legendary mother da Kiki House of Mamba Negra.

A Quafá Produções atua na produção, na difusão, gestão e captação de recursos de artistas da cena e de projetos de manifestações de culturas urbanas, periféricas e populares do Rio de Janeiro. É especializada na gestão e captação de recursos públicos e no gerenciamento e difusão nacional e internacional de artistas proeminentes.



DIREÇÃO-GERAL Wallace Ferreira/Patfudyda | **IDEALIZAÇÃO E DIREÇÃO ARTÍSTICA** Rafael Fernandes | **DIREÇÃO DE MOVIMENTO** Nyandra Fernandes | **DRAMATURGIA** Maurício Lima | **INTÉRPRETES-CRIADORES** André Oliveira DB, Codazzi IDD, JUJULIETE, Juninho do Quebra, Kill Bill, Maylla Eassy, Preta QueenB Rull, The Overall Princess Legendary Wallandra | **INTÉRPRETES** André Oliveira DB, Codazzi IDD, JUJULIETE, Juninho do Quebra, Kill Bill, Maryana Oliveira, Maylla Eassy, Preta QueenB Rull, Yure IDD | **DIREÇÃO MUSICAL E DJ** Yure IDD | **CHANT (PARTICIPAÇÃO ESPECIAL)** Legendary father Luky Império | **FIGURINO** Rainha F | **ASSISTENTE DE FIGURINO** Ygor Fernandes | **ILUMINADORA** Andrea Capella | **OPERAÇÃO DE LUZ** Sandro Demarco | **PRODUÇÃO EXECUTIVA** Netto | **PROGRAMAÇÃO VISUAL E FOTOGRAFIA** Charles Pereira | **REALIZAÇÃO** Quafá Produções

FOTOS CHARLES PEREIRA

ATRÁS DAS PAREDES

Cia Plágio de Teatro

75 min | CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA 16 anos

Itaú Cultural 

7* e 8/3, sábado e domingo, 19h

Grátis | Reservas on-line pelo site do Itaú Cultural.

Sessões com interpretação em Libras.

*Sessão com audiodescrição.

Em um domingo, uma família se prepara para o almoço. Flora, esposa de Simão, resolve fazer uma surpresa e convida os vizinhos para celebrar um aniversário. Aos poucos, o que estava submerso pelas aparências vai sendo revelado. Com texto do dramaturgo argentino Santiago Serrano, conhecido pelo seu teatro realista, e direção de Sérgio Sartório, o espetáculo da Cia Plágio de Teatro é uma comédia dramática que provoca reflexões sobre a espécie humana por meio de temas como a violência doméstica, a ética na sociedade, a invasão da intimidade e o voyeurismo. Os diálogos, ora profundos, ora carregados de humor, expõem até onde vai – e que diferentes formas podem assumir – a capacidade destruidora do ser humano.



“O espetáculo tem um clima sombrio com uma permanente tensão no ar, como o tempo em que estamos vivendo. Quando nada nunca é o que parece. Quando desconfiamos de todos. Como no estado de natureza de Hobbes, estamos todos tentando estabelecer o pacto social, nem que seja entre duas, cinco ou mais pessoas.”

RODRIGO FERRET, CRÍTICA EM CENA

HISTÓRICO

Cia Plágio de Teatro é um coletivo criado em 2007 em Brasília. Ao longo de quase duas décadas, montou 14 peças, apresentadas em mais de 50 cidades brasileiras e também em Milão, na Itália. Entre os espetáculos de maior destaque da companhia estão *Atrás das Paredes*, *Saiba o Seu Lugar*, *A Autópsia de um Beija-Flor*, *Noctiluzes* e *Cru*. Atualmente, quatro atores, uma atriz e um diretor técnico se dividem entre as funções de produção, direção e criação cênica. Para cada montagem, o grupo trabalha com artistas convidados e, desde 2013, conta com a colaboração do dramaturgo argentino Santiago Serrano.



TEXTO Santiago Serrano | **DIREÇÃO** Sérgio Sartório

| **ELENCO** André Deca, Bianca Terraza, Carmem Moretzsohn, Chico Sant'Anna, Daniela Vasconcelos |

ASSISTENTE DE DIREÇÃO Tomás Seferin |

CENOGRAFIA Chico Sassi | **FIGURINO** Luiz Felipe Ferreira |

TRILHA SONORA Tomás Seferin | **DESENHO DE LUZ** Vinícius Ferreira, Sérgio Sartório |

DIRETOR TÉCNICO,
DESIGN GRÁFICO E

OPERADOR DE SOM
E LUZ Chico Sassi

| **FOTOS** Alexandre Magno | **PRODUÇÃO** Daniele Leal, Deca Produções (André Deca), Guinada Produções (Daniela Vasconcelos) |

REALIZAÇÃO Cia Plágio de Teatro, Deca Produções

FOTOS ALEXANDRE MAGNO

CABEÇA DE TOCO, AQUI TUDO É MATO

Febraro de Oliveira, Marcos Mattos, Marcus Perez e Renata Leoni | Arado Cultural

50 min | CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA 16 anos

Itaú Cultural 

14 e 15/3*, sábado e domingo, 18h

Grátis | Reservas on-line pelo site do Itaú Cultural.

Sessões com interpretação em Libras.

*Sessão com audiodescrição.

No limiar entre corpo, matéria e memória, a obra investiga o impacto da ação humana sobre a natureza e os territórios simbólicos do Centro-Oeste. Com direção de Eduardo Fukushima, árvores viram pedaços de madeira, tensionando destruição e renascimento em uma narrativa aberta e poética que, por meio dos movimentos dos intérpretes, evoca bichos, rios e vegetações. A madeira se torna uma protagonista que dança e conta histórias, dialogando com as questões ambientais e culturais do Mato Grosso do Sul. Com referências à obra de Conceição dos Bugres e Tetê Espíndola, o trabalho convida a refletir sobre novas formas de pensar o corpo da terra.

Atenção: há momentos pontuais de som em volume alto.



“*Cabeça de Toco* não se propõe a dar respostas. Ao contrário, abre fendas. É um espetáculo que opera como escuta radical. Em tempos de destruição ambiental, apagamento cultural e hiperaceleração, o trabalho propõe outra velocidade: a do toque, do tato, da reverência. Reivindica, com delicadeza e força, a importância de escutar o que foi cortado, o que insiste, o que dança mesmo quando tudo parece devastado. É possível, aliás, pensar no espetáculo como uma obra de imaginação radical.”

PEDRO MARTINS

HISTÓRICO

Arado Cultural, responsável pelos principais festivais do MS, como o Cerrado Abierto e o Dancidades, produz o espetáculo *Cabeça de Toco*, *Aqui Tudo É Mato*, dirigida por Eduardo Fukushima. A obra promove um encontro entre gerações de artistas de Campo Grande: Renata Leoni, referência na dança e gestão pública; Marcos Mattos, gestor cultural e diretor de festivais com 25 anos de carreira; Marcus Perez, pesquisador de danças populares e práticas somáticas; e Febraro de Oliveira, premiado escritor e ator. O trabalho articula dança e palavra como um tecido em comum de pesquisa, encruzilhando e afirmando a criação sul-mato-grossense no circuito nacional.



CONCEPÇÃO Renata Leoni | **DIREÇÃO,**
COREOGRAFIA E TRILHA
SONORA Eduardo Fukushima | **DESENHO**
E OPERAÇÃO DE LUZ Hedra Rockenbach
| **INTÉRPRETES-**
CRIADORES Febraro de Oliveira, Marcos Mattos, Marcus Perez, Renata Leoni | **DESIGN**
GRÁFICO Felipe Leoni | **REGISTROS**
FOTOGRAFICOS
E AUDIOVISUAIS Franciella Cavalheri e Vaca Azul (Helton Pérez e Hanna Chaves) | **DIREÇÃO DE**
PRODUÇÃO Roberta Siqueira (Arado Cultural)

CAVUCADA – A FESTA NÃO SERÁ AMANHÃ

Cia Dançurbana

60 min | CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA 18 anos

IBT – Instituto Brasileiro de Teatro



9/3, segunda, 21h | 10/3*, terça, 22h

R\$ 40 (inteira) e R\$ 20 (meia) | Vendas on-line pelo site da Sympla.

*Sessão com interpretação em Libras e audiodescrição.

A Cia Dançurbana comemora mais de duas décadas de trajetória na pista de dança. Sem divisão entre palco e plateia, artistas e público rememoram juntos coreografias presentes no repertório da companhia, além de se movimentarem embalados por sonoridades festivas de diferentes estilos. O espetáculo-festa, cujo título faz referência a um passo de dança do brega funk, passeia por elementos presentes no hip-hop, no vogue, na dança contemporânea e em coreografias do TikTok. A obra privilegia o encontro, ressaltando seu potencial político e artístico, e valoriza a diversidade e a liberdade de cada intérprete.

Atenção: há uso de luzes estroboscópicas e momentos de som em volume alto.



“Globos de luz, taças cheias, sequência de hits: *Cavucada* é um espetáculo convidativo com aspecto de festa, com sabor de noite, de balada. Irresistível até para os mais desavisados, *Cavucada* é alto-astrol e deliciosamente provocante.”

ESTANTE DO JORGITO

“O começo da festa me comoveu: as contorções, a dança coletiva, os chamados para a celebração, as sonoridades todas, e, sobretudo, a força erótica escorrendo sobre nós, nos lembrando que hoje é hoje e estamos bem vivos.”

MOISES ALVES

HISTÓRICO

Cia Dançurbana é uma companhia de dança fundada em 2002 em Campo Grande (MS). O coletivo fomenta e articula ações em rede, atuando de modo colaborativo com grupos, instituições, artistas e trabalhadores da cultura na promoção e valorização da arte. Essa prática se sustenta por meio de uma equipe multidisciplinar formada por um corpo estável de 13 artistas somado a uma ampla rede de colaboradores. Suas obras já circularam por 54 cidades brasileiras e diversos festivais, como a Bienal Sesc de Dança e o Junta Festival.

CRIAÇÃO E DIREÇÃO

ARTÍSTICA Jorge Alencar, Neto Machado |

INTÉRPRETES-CRIADORES

Afrodite Fetake, Arianne Nogueira, Daniel Andrade, Jackeline Mourão, Livia Lopes, Maura Menezes, Ralfer Campagna, Reginaldo Borges, Renata Leoní, Roberta Siqueira, Rose Mendonça, Wagner Gomes |

TRILHA E

MONTAGEM SONORA

Reginaldo Borges |

DESIGN E OPERAÇÃO

DE LUZ Adriel Santos

PERSONAL STYLIST

Wity Prado |

FIGURINO

Gabriela Mancini |

ASSISTENTE DE FIGURINO

Herbert Correa

FOTOS FRANCIELLA CAVALHERI
E PATRICIA ALMEIDA

DANÇA BOBÁ

Ateliê do Gesto

50 min | CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA Livre

Itaú Cultural 

12* e 13/3, quinta e sexta, 19h

Grátis | Reservas on-line pelo site do Itaú Cultural.

Sessões com interpretação em Libras.

*Sessão com audiodescrição.

O espetáculo, interpretado pelo duo de bailarinos e coreógrafos Daniel Calvet e João Paulo Gross, se funda na construção de danças com base em jogos de improviso. As coreografias são desenvolvidas a partir da simplicidade e da criação poética dos intérpretes, cujos gestos se constroem por meio da presença e da fisicalidade de seus corpos. Nessa profusão de imagens e sentidos, a obra transita por memória, nostalgia, leveza e dramaticidade. Metáforas são criadas sobre uma possível história que a dupla possa querer contar no aqui e no agora.

Atenção: há uso de luzes estroboscópicas.



“Longe de ser ‘boba’, a obra reflete sobre o tempo e o caráter efêmero dos gestos, compondo uma encenação cheia de metáforas e significados.”

NATHALIE YOKEL, *LA TERRASSE*

“Despretensioso e bem-humorado, o espetáculo investe no cômico. Carregado de luzes, efeitos e músicas, coloca os bailarinos em situações que transitam rápido do cotidiano ao peculiar, e insistem que às vezes tudo o que se pode fazer é dançar. Não para resolver o mundo com coreografia, mas para lidar com a vida.

HENRIQUE ROCHELLE, *OUTRA DANÇA*

HISTÓRICO

Ateliê do Gesto é uma plataforma de criação em dança contemporânea sediada em Goiânia (GO), que há 11 anos se dedica à pesquisa do corpo e seus desdobramentos poéticos, políticos e sensíveis. Com direção artística de Daniel Calvet e João Paulo Gross, o grupo desenvolve criações que investigam presença, gesto e imaginação, compreendendo o corpo como território de relação, escuta e alteridade. As obras da companhia partem de processos colaborativos e práticas de improvisação que têm como princípios éticos e estéticos fundamentais o encontro entre intérpretes, públicos e contextos. Além de espetáculos, o coletivo também realiza projetos formativos no Brasil e no exterior, articulando dança, dramaturgia do movimento e pensamento crítico em diálogo com o território.

DIREÇÃO-GERAL

Daniel Calvet |

CRIAÇÃO E PESQUISA

Gleysson Moreira,
Daniel Calvet |

INTERPRETAÇÃO

Daniel Calvet,
João Paulo Gross

| FIGURINO Marílio

Cabrita | ILUMINAÇÃO,

CENOGRAFIA E

PROJEÇÃO Daniel

Calvet | TÉCNICO

DE ILUMINAÇÃO,

MONTAGEM E

OPERAÇÃO Roosevelt

Saavedra | FOTO Lu

Barcelos (Chocolate
Fotografias) |

PRODUÇÃO EXECUTIVA

Marci Dornelas
(Lúdica Eventos e
Projetos Culturais)

| PRODUÇÃO GERAL

João Paulo Gross
(Ateliê do Gesto
Plataforma Criativa)

ÇALHADA, EM TEMPOS DE FISSURA

Teatro do Instante

60 min | CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA 14 anos

Itaú Cultural 

10* e 11/3, terça e quarta, 19h

Grátis | Reservas on-line pelo site do Itaú Cultural.

Sessões com interpretação em Libras.

*Sessão com audiodescrição.

Neste solo da artista Alice Stefânia, uma pesquisadora expõe ideias em torno dos desafios planetários vividos hoje pela humanidade em colapso ambiental. Mergulhada em contradições e diálogos proféticos com uma planta, ela sofre as consequências de uma mutação genética, enquanto partilha saberes, canta espantos, sofre colapsos e respira utopias. Nesse processo, a personagem se metamorfoseia em uma mulher galhada, corporificando uma ideia que remete a existências dos reinos vegetal, animal e mineral. Ela percebe galhos brotando de si, como uma espécie de antena orgânica que a transfigura em uma deusa-ciborgue conectada a distintos mundos e tempos, operando como uma encruzilhada de forças.



“Se, por um lado, o trabalho de Alice Stefânia inquieta pelo que aborda e confronta, por outro encanta pela maneira como constrói com seu corpo e sua voz, uma forma que é, ao mesmo tempo, épica e lírica, de abordar o problema por meio da linguagem teatral.”

RAFAEL VILLAS BÔAS, *BRASIL DE FATO*

HISTÓRICO

Teatro do Instante é um coletivo de investigação cênica e audiovisual criado em 2009. É vinculado ao grupo de pesquisa Poéticas do Corpo, do departamento de artes cênicas da Universidade de Brasília (UnB), coordenado pelas professoras e artistas Alice Stefânia e Rita de Almeida Castro. O grupo se caracteriza por proporcionar aos seus integrantes oportunidades como formação continuada, processos colaborativos com diferentes artistas, investigações de poéticas imersivas e de práticas de si, tanto como meios de autocuidado quanto para acessar estados e afetos potencializadores do trabalho performativo e aprofundamentos de pesquisas.

CONCEPÇÃO E ATUAÇÃO

Alice Stefânia | **OPERAÇÃO**

DE SOM, VÍDEO E GUITARRA

AO VIVO Fernando

Santana | **DIREÇÃO-GERAL**

Alice Stefânia, Giselle

Rodrigues | **DRAMATURGIA**

Alice Stefânia, Fernando

de Carvalho | **DIREÇÃO**

DE ARTE, CENOGRAFIA

E FIGURINOS William

Ferreira | **DIREÇÃO DE**

ATRIZ E MOVIMENTO

Giselle Rodrigues |

DIREÇÃO MUSICAL Diogo

Cerrado, Lupa Marques

| **TRILHA SONORA** Alice

Stefânia, Diogo Cerrado,

Fernando Santana, Lupa

Marques | **VOZES EM OFF**

Bidô Galvão, Fernando

de Carvalho, Kamala

Ramers, Saulo Moreira,

William Ferreira | **VÍDEOS**

Joy Ballard | **DESENHO**

DE LUZ Jackson Tea |

MONTAGEM E OPERAÇÃO

DE LUZ Marcelo Augusto

Santana | **COLABORAÇÕES**

DRAMATÚRGICAS Érico

José, Saulo Moreira,

Takaiúna | **PRODUÇÃO**

EXECUTIVA Kamala

Ramers

REPUBLIKKK OU ENCRUZILHADA NÃO É BECO

Teatro Gueroba

70 min | CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA 14 anos

Centro Cultural São Paulo – Espaço Cênico Ademar Guerra 📞📺

14 e 15/3*, sábado e domingo, 16h

R\$ 40 (inteira) e R\$ 20 (meia) | Vendas on-line pelo site da Sympla.

*Sessão com interpretação em Libras e audiodescrição.

Em um dia de festa, um homem comum, após brigar com Deus, revê a própria história e se pergunta como poderia ter evitado uma tragédia. Entre a roça e a cidade, o Teatro Gueroba investiga a resposta à pandemia e a reatividade de uma política polarizada. Vida e morte, a passagem do tempo e o que resta de esperança atravessam uma dramaturgia sobre um Brasil multiforme e o risco de extinção do Cerrado, sede do grupo. Cruzes na terra vermelha, números em tábuas, pau-brasil e a gueroba que renasce com a chuva: histórias reais se cruzam com Darcy Ribeiro, a Folia de Reis e tradições ancestrais negras e indígenas.

Atenção: há momentos de som em volume alto.

“Republikkk propõe um chacoalhar profundo no espírito, uma ode à vida pelo entendimento de seu viés.”

LUANA AVELAR, O HOJE

HISTÓRICO

O Teatro Gueroba, com sede no interior de Goiás, na cidade de Ouvidor, conta com artistas de diversas regiões do Brasil, tendo na equipe artistas como Hercules Morais, Clissia Morais, Angela Ribeiro e Renato Navarro. O coletivo une teatro, pensamento crítico e escuta sensível para investigar territórios ameaçados e modos de vida em risco. Gueroba é uma palmeira do Cerrado que resiste ao fogo e rebrota com as chuvas. Primeiro trabalho do grupo, *Republikkk ou Encruzilhada Não É Beco*, derivado de imersões no Cerrado e visitas a cemitérios da covid-19 na Amazônia, inaugurou o ciclo *Os Brasis de Darcy – Biografias de um País em Extinção*, com expedições por Amazônia, Pantanal, Pampas e Mata Atlântica.

CONCEPÇÃO E DIREÇÃO

Hercules Morais |

ASSISTENTE DE DIREÇÃO

Mariana Brand |

DRAMATURGIA

Angela Ribeiro, Hercules Morais

| **ELENCO** Hercules Morais,

Ivana Thais, Paulo

Victor Gandra, Marcelo

Villas Boas, Magno

Argolo | **PREPARAÇÃO**

CORPORAL E DIREÇÃO DE

MOVIMENTO Paulo Victor

Gandra | **PREPARAÇÃO**

VOCAL Hercules Morais

| **DIREÇÃO DE ARTE** Clíssia

Morais | **CENOGRAFIA**

Clara Lindorfer |

FIGURINOS Sandra

Machado | **VISAGISMO**

Hercules Morais |

ADEREÇOS Olívio de

Oliveira, Jesus Walkir

Pedroso | **DESENHO DE LUZ**

Docini | **DESENHO DE SOM**

E MÚSICA ORIGINAL Renato

Navarro | **PRODUÇÃO**

EXECUTIVA DuCerrado

Produções | **PRODUÇÃO**

LOCAL Fernando de

Marchi | **REALIZAÇÃO**

Teatro Gueroba |

CORREALIZAÇÃO

Instituto REC

PERFORMA12h

A MITsp realiza pela primeira vez uma virada noturna dedicada exclusivamente à performance, a PERFORMA12h. Com curadoria do professor, artista e pesquisador Rodrigo Severo, a programação reúne cinco obras de coletivos e artistas pretos que são apresentadas durante 12 horas consecutivas. Norteado pelo título *Resistência Festiva: Corpos em Festa, Corpos em Luta*, o pensamento curatorial parte da ideia de festa como uma das estratégias e táticas de enfrentamento e sobrevivência das populações afrodiaspóricas. Os rituais celebratórios não são entendidos apenas como alívio ou distração, mas como ações subversivas da ordem cotidiana, que permitem evocar memórias traumáticas, lutas por emancipação e formas de encantamento nutridas pela experiência das populações negras.

12/3, quinta, a partir das 17h

iBT – Instituto Brasileiro de Teatro 

R\$ 20 (inteira) e R\$ 10 (meia) | Ingressos on-line pelo site da Sympla. As obras são apresentadas em sequência e uma única entrada dá direito a assistir a todas, sendo livre o tempo de permanência. O ingresso também é válido para a abertura de processo SSOL – *Paisagem 03*, às 20h45, realizada no mesmo local.

APARIÇÃO, NEÇO FUÇIDO

Nego Fugido

17h | 180 min | CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA Livre

Esta encenação de reparação história realizada pelo Nego Fugido coloca as pessoas pretas como protagonistas da conquista da abolição da escravidão. A manifestação popular narra em aparições a saga de pessoas escravizadas que, em batalha, subjugam o rei de Portugal e exigem do monarca a carta de alforria. As apresentações acontecem anualmente na rua, em meio a uma série de expressões culturais quilombolas, como o samba de roda, a capoeira e as aparições de Caretas, Mandus e Bombachos, elementos simbólicos fundamentais na identificação de um passado marcado pelo processo de escravidão de populações africanas.

Nego Fugido é uma das mais tradicionais expressões da cultura popular do Recôncavo Baiano. É realizada pelos pescadores da comunidade quilombola de Açupe, em Santo Amaro. Rodeada de simbologias, as encenações reafirmam a construção da identidade de matriz afro-brasileira.



INTEGRANTES

Monilson dos Santos Pinto, Luiz Carlos Sobral da Silva, Isabela Carolina Santos de Sá dos Reis, Eliomar Conceição da Rocha, Willen Ramos Bispo, Eunice dos Santos, Bruno da Costa Pereira, Valney Souza da Silva, Vandson Nascimento dos Santos, Juvanilson Casais Vinhas, Gean Dias da Paz Almeida, Claudio Costa Assis, Edson dos Santos Ramos, Edilson Santos do Nascimento, José Antonio dos Santos Teles, Rogério Silva Ferreira, Judevaldo dos Santos Oliveira, Roberval dos Santos Gomes, Vailson Santana dos Santos, Joseane Magalhães Muniz

FOTO: ACERVO

CABEÇA DE CABAÇAS

Keila-Sankofa | Da Várzea das Artes

20h | 45 min | CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA Livre

Nesta performance, a artista manauara Keila-Sankofa manifesta o *Cabeça de Cabaças*, uma presença visual e sonora que entoa narrativas sensoriais sobre a Amazônia. O paramento, confeccionado com cuias e cabaça, surge como uma aparição que reinscreve o encontro histórico entre as populações negras e indígenas. Ao centrar-se nestes suportes, a artista celebra uma herança compartilhada entre as identidades afrodiaspóricas e originárias. Mais que objetos, esses itens são centrais na pesquisa e vida da artista, transitando entre o uso prático, o rito sagrado e as cosmogonias de criação do mundo.

Keila-Sankofa nasceu em Manaus (AM). É artista visual e cineasta, além de integrante do grupo Da Várzea das Artes. Desenvolve pesquisas sobre memória, utilizando a manipulação e a ficcionalização como aparato para recriar histórias que legitimam e sugerem padrões.



DIREÇÃO, CONCEPÇÃO, PERFORMANCE Keila-Sankofa

VIDEOPERFORMANCE

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA
André dos Santos
| MONTAGEM
Cláudio Lavôr
| CÂMERA E DRONE
Lucas Alcântara
| DESENHO DE SOM, TRILHA SONORA, EDIÇÃO, MIXAGEM E FINALIZAÇÃO DE SOM Cláudio Lavôr
| FOTOS STILL Nay Jinknss

FOTO NAY JINKNSS

AXEXÊ DA NEGRA OU O DESCANSO DAS MULHERES QUE MERECIAM SER AMADAS

Renata Felinto

21h30 | 75 min | CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA 16 anos

Acionando a ideia de axexê – rito de despedida e passagem – como linguagem poética e política, a performance da artista visual Renata Felinto estabelece um diálogo crítico com *A Negra*, pintura de Tarsila do Amaral, tensionando a tradição de hipervisibilidade e objetificação do corpo negro no Brasil. Entre gesto, tempo e materialidade, a obra elabora luto, reparação e cuidado como formas de restituição simbólica. Ao reivindicar o descanso como direito e urgência ética, a cena cria um campo de travessia que convoca memória e dignidade para mulheres negras historicamente impedidas de serem amadas.

Renata Felinto é uma artista visual, pesquisadora e professora que vive entre o Crato (CE) e São Paulo (SP). Mulher afrodiaspórica, mãe de Benedita Nzinga e de Francisco Madiba, é bacharela, mestra e doutora em artes visuais e especialista em curadoria e educação em museus de arte.



ARTISTA E DIRETORA

Renata Felinto |

PRODUÇÃO Victor

Hugo Felinto |

PAISAGEM SONORA

Marcos Felinto |

FIGURINO Andrea

Sobreira, Renata

Felinto

FOTO SHAY PELED

TRANSCRIÇÕES CONSANGÜÍNEAS

Panamby

23h | 105 min | CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA 16 anos

Nesta obra, uma aparição de corpo sonoro, Panamby faz uma leitura ao microfone de textos autorais e histórias silenciadas enquanto Filipe Espindola transcreve fragmentos dessa fala em suas costas com uma máquina de tatuar sem tinta. No processo de escarificar, as palavras brotam sanguíneas no tecido vivo e geram um novo texto a partir do exercício da escuta em meio à verborragia e à cacofonia. Simultaneamente, Panamby produz camadas e texturas sonoras a partir da voz, de objetos sônicos e de áudios de parentes. Como um importante aspecto de presença, o som é fio condutor de toda a ação.

Panamby é artista que cria a partir de limites psicofísicos, práticas corporais, sonoras e oníricas em experiências rituais, aparições, vultos e visagens. Sua prática é instigada por processos de vida-morte-vida, como tentativa de tanger o invisível e de se comunicar em outras linguagens.

Atenção: há procedimentos de modificação corporal e momentos de som em volume alto.

APARIÇÃO, CRIAÇÃO, TEXTO E SOM
Panamby | **APARIÇÃO E ESCARIFICAÇÃO**
Filipe Espindola | **OPERAÇÃO DE VÍDEO**
Paulo Costa | **CAPTAÇÃO DE IMAGEM AO VIVO** Feliz | **ADMINISTRAÇÃO** Gabi Correia | **PRODUÇÃO EXECUTIVA** Veni Barbosa | **DIREÇÃO DE PRODUÇÃO** Dani Correia | **GESTÃO E PRODUÇÃO**
Associação SÛ de Cultura e Educação

MANDINÇA MAJOR BALL

Puma Camillê | Haus of Basquiat
e Capoeira para Todes

1h | 240 min | CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA 16 anos

Este ritual de celebração e denúncia articula sabedorias ancestrais às urgências do presente pela perspectiva LGBTQIAPN+. Inspirada na ballroom, criada por corpos dissidentes negros e latinos em Nova York nos anos 1970 e 1980, a obra afirma o corpo como linguagem política, arquivo vivo e estratégia de sobrevivência. Em diálogo com a capoeira e o vogue, o trabalho, concebido e conduzido pela artista Puma Camillê Basquiat, reúne categorias performáticas e musicalidades que constroem atravessamentos entre passado, presente e futuro, afirmando a ballroom como patrimônio cultural negro em constante atualização.

Puma Camillê é artista trans, negra e multidisciplinar que construiu uma trajetória internacional ao fundir a capoeira com a cultura ballroom. É cofundadora da Casa Cultural Axé Vogue e idealizadora do movimento Capoeira para Todes, além de South American Princess da Haus of Basquiat.

Atenção: há uso de luzes estroboscópicas e momentos de som em volume alto.



CRIAÇÃO Puma Camillê | **DIREÇÃO E DRAMATURGIA** Puma Camillê, Kai Maistri | **COPRODUÇÃO** Haus of Basquiat, Capoeira para Todes | **DIRETORA DE AUDIOVISUAL** Cintia Pinheiro | **DIREÇÃO DE PRODUÇÃO** Kai Maistri | **PRODUÇÃO GERAL** Quantika Almeida | **PRODUÇÃO EXECUTIVA** Pedro Guimarães | **ASSISTÊNCIA DE PRODUÇÃO** Yasmin Almeida | **TÉCNICA DE PALCO E SOM** Helle Simone | **VOZ DE PALCO** Diameyka, Gabi | **ARTISTAS CONVIDADES** Jhordan Lunarte, Fênix Leite, Priscila Raiz, Áurea Bella, Dona Zuma, Coletivo de Capoeira Angola Nzinga | **FIGURINO** Dona Zuma | **CENÁRIO** Pedro Pier

FOTO ALASS DERIVAS

SSOL – PAISAGEM 03

Wagner Antônio

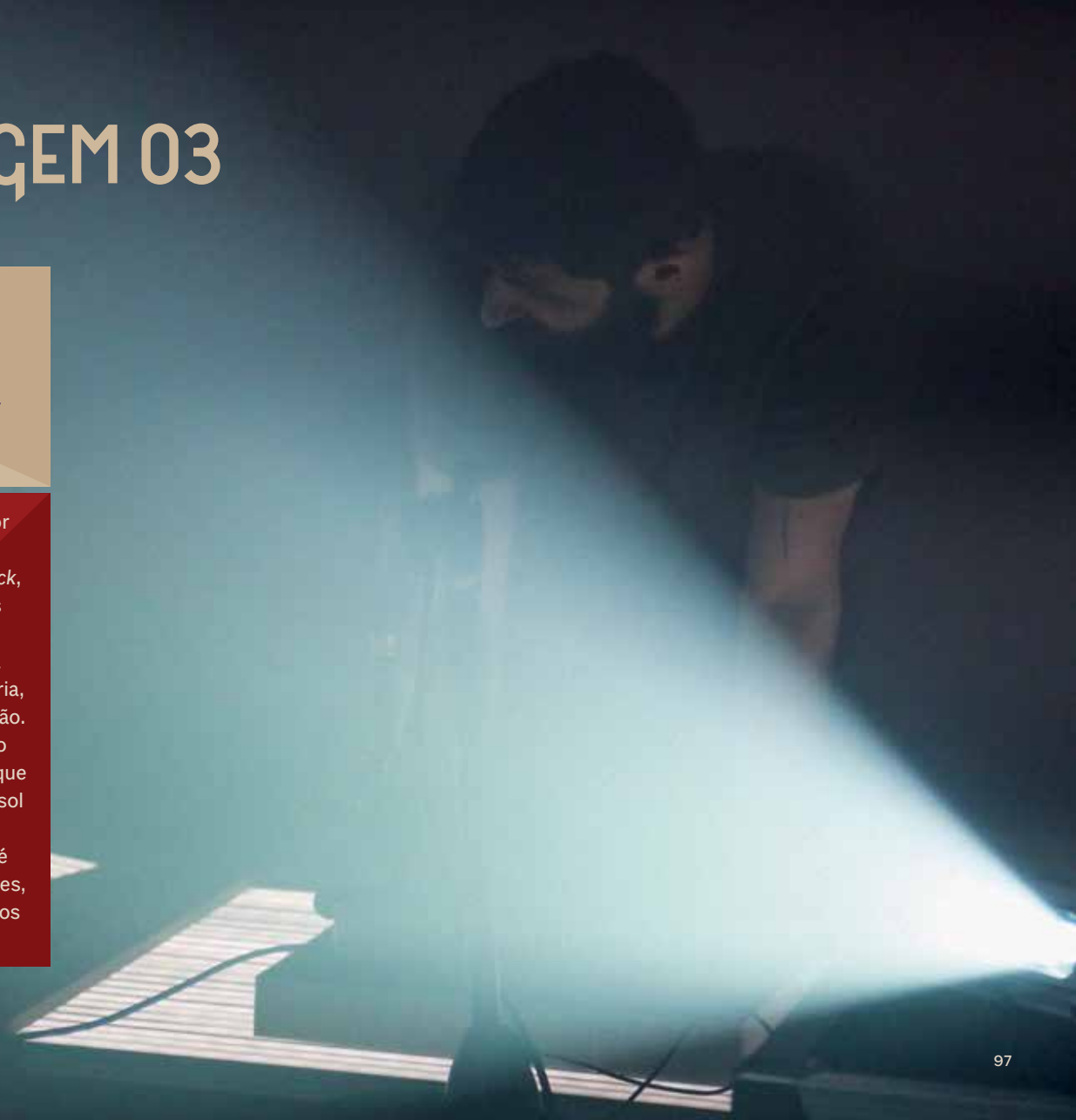
CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA Livre

iBT – Instituto Brasileiro de Teatro

12/3, quinta, 20h45

R\$ 20 (inteira) e R\$ 10 (meia) | Ingressos on-line pelo site da Sympla. O ingresso para esta abertura de processo também dá direito a assistir às cinco obras da *PERFORMA12h*, que ocorre no iBT no dia 12/3, a partir das 17h.

Parte da série *Paisagens Oníricas*, do encenador e artista visual Wagner Antônio, esta peça-instalação nasce da história narrada em *Woyzeck*, de Georg Büchner, em diálogo com fragmentos da obra radiofônica *Para Dar um Fim no Juízo de Deus*, de Antonin Artaud. O trabalho articula reflexões sobre sonho, loucura, morte e memória, com base no corpo, no ambiente e na imaginação. O público é convidado a circular livremente pelo espaço da obra, que é ativada por uma equipe que inventa um ritual para o Sol enquanto um girassol morre lentamente numa estufa. Assim como nos outros estudos cênicos da série, a criação é composta de painéis luminosos, telas, projetores, fragmentos de filmes, objetos esculturais, ruídos e falas distorcidas de peças teatrais.





HISTÓRICO

Wagner Antônio é encenador, *light designer* e artista visual que, há dez anos, cria instalações cênicas e investiga como a integração das linguagens da luz, do som e do vídeo pode “escrever” uma dramaturgia de forças ativas no espaço e atuar performativamente em cena. Para desenvolver as obras da série *Paisagens Oníricas*, ele se inspira em luminosos das grandes cidades – que, em vez de venderem mercadorias, narram sonhos a partir de cores, vibrações, ritmo e movimentos – em espaços instalativos e imersivos. Trata-se de um processo que atua como campo de ressonância dos sonhos e se estrutura a partir de uma continuidade cíclica, na qual um trabalho se desdobra em outro, borrando as fronteiras entre passado, presente e futuro.

CONCEPÇÃO E

INSTALAÇÃO CÊNICA

Wagner Antônio

| EQUIPE TÉCNICA

E CRIATIVA

Camila

Refinetti, Denis

Kageyama, Débora

Pereira, Dimitri

Luppi, Leo Souza,

Lucas JP Santos,

Marina Meyer, Micaela

Wernicke, Guilherme

Mascarenhas,

Guilherme Zomer |

COLABORAÇÃO CRIATIVA

Gabriela Alcofra,

Isabel Wolfenson,

Sofia Botelho,

Verônica Santos

| FOTOS

Micaela

Wernicke | **VÍDEOS**

Marcos Yoshi, Micaela

Wernicke | **DESIGN**

GRÁFICO Micaela

Wernicke, Murilo

Thaveira | **PRODUÇÃO**

E DIREÇÃO TÉCNICA

ÀGUARÁ Estúdio

| **APOIO** 28 Patas

Furiosas

FOTOS MICAELA WERNICKE

JUKYBOX

Cris Meirelles e Jaya Batista

60 min | CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA 12 anos

iBT – Instituto Brasileiro de Teatro 

11/3, quarta, 22h

Grátis | Reserva on-line pelo site da Sympa.

Nesta performance cênico-musical, uma máquina de música é despertada quando Juky, uma carismática bixa MC, encontra seu público. Assumindo o papel de mestra de cerimônias de um programa popular, ela se apresenta como uma *popstar* e símbolo de força contra as opressões sociais, mesclando a urgência da poesia falada, referências da cultura mineira e canções românticas. Ao tensionar tradição e diversidade, esta criação em processo devolve ao público a imagem de um Brasil popular mais plural: um país em que a festa, a fé e a cultura também podem constituir territórios de respeito, alegria, afeto e re-existência para as pessoas LGBTQIAPN+.



HISTÓRICO

Cris Meirelles e Jaya Batista, bixas nascidas nos anos 1980 e oriundas, respectivamente, de cidades do interior de Minas Gerais e São Paulo, iniciaram a parceria artística em 2023 com trabalhos teatrais que dialogam com manifestações populares, como festividades e protestos. O primeiro trabalho da dupla foi *Experimento I: A Resistência e a F(r)esta*. Conduziram, ainda, a criação do experimento *Terraquosa*, com a universidade LIVRE do Teatro Vila Velha, e a performance cênico-musical *Caravana LIVRE*. Na mostra Farofa, realizaram a primeira abertura de *Jukybox*, em 2024. No ano seguinte, em parceria com a Casa Farofa e a Corpo Rastreado, realizaram uma imersão criativa, pesquisa que resultou na produção de dois laboratórios: *a Jukermesse* e *o Bailarico da Juky* – as iniciativas tiveram como objetivo estabelecer um diálogo entre as festas populares e as vivências LGBTQIAPN+.

PERFORMANCE Cris Meirelles | **DIREÇÃO** Jaya Batista | **EM CRIAÇÃO COM** Claudia Manzo, João Millet Meirelles, Monica Santana, Renato Bolelli Rebouças | **EQUIPE JUKY** Ana Banana, Benedito Beatriz, DJ Igonna, DJ Clevinho, Julia Gussone | **PRODUÇÃO** Cris Meirelles, Jaya Batista | **RESIDÊNCIA ARTÍSTICA** Casa Farofa

OLHARES CRÍTICOS

O eixo reflexivo da MITsp investiga o teatro como forma pública de pensamento, não “temas”, mas, sim, procedimentos: como se escreve, como se compõe presença e como se faz circular uma história quando a linguagem é também um campo de disputa. A programação aproxima matrizes e invenções, além de apostar na transversalidade entre linguagens e compreender a crítica como prática, um modo de acompanhar a obra por dentro, sem pacificar o conflito.

CURADORIA Helena Vieira

REFLEXÕES ESTÉTICO-POLÍTICAS

CENA, MEMÓRIA E RECONTAR O IRREPARÁVEL

7 de março, sábado, das 16h às 18h

iBT – Instituto Brasileiro de Teatro | Palco Praça

Grátis | Reserva de ingresso pela Sympla

A programação conta com interpretação em Libras

COM Renata Tavares e Janaína Leite

MEDIAÇÃO Naloana Lima

Renata Tavares e Janaína Leite conversam para pensar a capacidade do teatro de recontar histórias não como ilustração do passado, mas como reorganização da memória no presente. O encontro passa por temas como: o que a cena expõe, o que ela protege, o que ela devolve ao público como responsabilidade de escuta e onde começam os limites éticos do recontar.

Renata Tavares é encenadora e multiartista premiada com o Shell e o APTR de melhor direção. Mulher preta e moradora de Bangu, sua poética multidisciplinar funde atuação, direção musical e dramaturgia.

Janaína Leite é atriz, diretora, dramaturga e pós-doutora pela ECA/USP. Em trabalhos como *História do Olho*, investiga o teatro, a pornografia e as linguagens híbridas sob a perspectiva de uma ob-cena.

Naloana Lima é atriz, cantora, compositora, diretora e arte-educadora. Atuando na periferia de São Paulo, articula teatro, música e educação a partir de perspectivas de(s)coloniais e afroameríndias.

TEATRO EXPERIMENTAL DO NEGRO: MEMÓRIA, TRANSMISSÃO, PERMANÊNCIA

10 de março, terça, das 16h às 18h

iBT – Instituto Brasileiro de Teatro | Palco Praça

Grátis | Reserva de ingresso pela Sympla

A programação conta com interpretação em Libras

COM Gizelly de Paula e Eugênio Lima

MEDIAÇÃO William Santana

A mesa parte do Teatro Experimental do Negro não como “marco histórico”, mas como uma força atuante no presente. A conversa com Gizelly e Eugênio propõe olhar para o TEN como um campo de disputas: aquilo que foi lembrado e aquilo que foi apagado; o que se registrou como documento e o que permanece como prática, corpo e oralidade.

Gizelly de Paula é artista da cena e professora na Faculdade CAL de Artes Cênicas. Pesquisadora em Teatros Negros, com ênfase no legado do TEN e em suas potências pedagógicas e estéticas.

Eugênio Lima é DJ, ator-MC, diretor e pesquisador da cultura afrodiáspórica. É membro-fundador dos grupos Núcleo Bartolomeu de Depoimentos, da Frente 3 de Fevereiro e do Coletivo Legítima Defesa.

William Santana Santos nasceu na Bahia e é pesquisador, curador e produtor cultural. Possui graduação em ciências sociais e mestrado em sociologia pela USP. É doutorando em sociologia na FFLCH-USP.

PALAVRA QUE AGE: SLAM, PARTICIPAÇÃO E TEATRO POLÍTICO NO PRESENTE

11 de março, quarta, das 16h às 18h

iBT – Instituto Brasileiro de Teatro

Grátis | Reserva de ingresso pela Sympla

A programação conta com interpretação em Libras

COM Julian Boal e Roberta Estrela D’Alva

MEDIAÇÃO Lucas Miyazaki

A partir de dois campos em que a palavra é prática pública – o Teatro do Oprimido e o slam –, Julian Boal e Roberta Estrela D’Alva conversam sobre como a cena pode produzir consciência, escuta e ação sem se reduzir a “mensagem”. A discussão aborda, ainda, como evitar tanto o didatismo quanto o esvaziamento ritual da “participação”.

Julian Boal é um pedagogo e pesquisador que se dedica à difusão do Teatro do Oprimido. Com atuação internacional, ministra oficinas e palestras sobre a função política do teatro.

Roberta Estrela D’Alva é atriz, MC, diretora, pesquisadora e slammer. Doutora em comunicação e semiótica pela PUC/SP, é membro-fundadora do Núcleo Bartolomeu de Depoimentos – Teatro Hip-Hop.

Lucas Miyazaki é escritor e performer que atua na intersecção entre literatura e artes cênicas. É cofundador do grupo teatral Dispêndio, por onde cria peças de cunho documental e performático.

DRAMATURGIAS DO PRESENTE: MEMÓRIA, VERSÃO E OS LIMITES DE REPRESENTAR A VIOLÊNCIA

14 de março, sábado, das 16h às 18h

iBT – Instituto Brasileiro de Teatro | Palco Praça

Grátis | Reserva de ingresso pela Sympla

A programação conta com interpretação em Libras

COM Maria Isabel Iorio e Sílvia Gomez

MEDIAÇÃO Lucas Moura

Maria Isabel Iorio e Sílvia Gomez falam sobre dramaturgias contemporâneas que trabalham a memória não como nostalgia, mas como método de escrita: o que se lembra, o que se inventa, o que se recalca, o que vira versão pública. A mesa investiga como a cena reconta histórias sem pacificar o conflito ou fechar sentidos.

Maria Isabel Iorio é poeta, escritora e roteirista. Publicou livros como *Tubarão* (Diadorim, 2024) e, como roteirista, assinou o texto de obras como a série *Tremembé* (Prime Video).

Sílvia Gomez atua como dramaturga, roteirista e jornalista. É autora de peças como *Mantenha Fora do Alcance do Bebê* e *Lady Tempestade*, encenadas em países como Espanha, Inglaterra e México.

Lucas Moura é autor de peças como *Desfazenda*, vencedora do APCA, formador na Escola Livre de Teatro e assina a dramaturgia do musical *Jeca* – *Um Povo Ainda Há de Vingar*.

DIÁLOGOS TRANSVERSAIS

QUANDO A OBRA MUDA O ESPAÇO: IMAGEM, PRESENÇA E INTERVENÇÃO

9 de março, segunda, das 16h às 18h

iBT – Instituto Brasileiro de Teatro | 1º andar

Grátis | Reserva de ingresso pela Sympla

A programação conta com interpretação em Libras

COM Lilly Baniwa e Rafael Bacelar

MEDIAÇÃO Tetembua Dandara

Lily Baniwa e Rafael Bacelar dialogam sobre criação como intervenção: quando a obra altera o espaço e reposiciona quem assiste. A conversa aproxima imagem, corpo e gesto para pensar como símbolos são deslocados, como a presença produz leitura e como um trabalho pode “hackear” o modo de ver sem virar explicação ou ilustração.

Lilly Baniwa é atriz e performer que pesquisa sobre teatro indígena na contemporaneidade. Artista do povo Baniwa, articula corpo, memória e território com performances e artes visuais.

Rafael Bacelar é ator, diretor e performer com formação pela UFMG. Em 2025, foi indicado aos principais prêmios nacionais de melhor ator, como Shell e APCA.

Tetembua Dandara é performer, produtora cultural e fotógrafa. Bacharel em artes cênicas e especialista em gestão cultural, atua nas áreas do teatro e da dança contemporânea.

QUEM CONTA, COMO CONTA: TEATRO E CINEMA FORA DO ENQUADRAMENTO

10 de março, terça, das 14h às 16h

iBT – Instituto Brasileiro de Teatro | Palco Praça

Grátis | Reserva de ingresso pela Sympla

A programação conta com interpretação em Libras

COM Yumo Apurinã e Érica de Freitas

MEDIAÇÃO Helena Vieira

Yumo Apurinã e Érica de Freitas dialogam sobre modos de contar história e representar quando o ponto de vista não é o hegemônico. A conversa vai abordar como se fabrica ponto de vista, como se evita o lugar “explicativo” (que muitas vezes só reafirma hierarquias) e que soluções formais na cena e na imagem permitem complexidade sem domesticá-la.

Yumo Apurinã é ator, dramaturgo e performer. Seus trabalhos articulam palavra, corpo e ancestralidade. É protagonista e coautor da peça *Ideias para Adiar o Fim do Mundo*, baseada na obra de Ailton Krenak.

Érica de Freitas é produtora, roteirista e diretora. À frente da Encantamento Filmes, produz curtas e longas. Dirigiu a série *Tem Saída?* e desenvolve seu primeiro longa ficcional, *Dalva-K*.

Helena Vieira é escritora, dramaturga e pesquisadora. No teatro, investiga formas narrativas que ressignificam a história e a experiência de corpos dissidentes.

O CORPO NA CENA E NA IMAGEM: ENTRE A VISIBILIDADE E A CAPTURA

13 de março, sexta, das 16h às 18h

iBT – Instituto Brasileiro de Teatro | Palco Praça

Grátis | Reserva de ingresso pela Sympla

A programação conta com interpretação em Libras

COM Alberto Álvares e Aretha Sadick

MEDIAÇÃO Heitor Augusto

Alberto Álvares e Aretha Sadick dialogam sobre o poder do olhar: quem enquadra, quem é enquadrado, e o que acontece quando um corpo recusa a posição de objeto. Entre imagem e presença, a mesa discute como a visibilidade pode virar captura, exotificação, fetiche, curiosidade e como a arte pode reorganizar essa relação.

Alberto Álvares é cineasta indígena da etnia Guarani Nhandewa. Professor e tradutor de Guarani, ministra um curso de formação de cineastas indígenas em diversas aldeias.

Aretha Sadick é multiartista que, em suas obras, investiga o reencantamento das coisas como poética, empenhando cada gesto artístico como uma oferenda.

Heitor Augusto atua no cinema como curador, consultor criativo, professor e pesquisador. Sua atuação investiga a realização negra de forma holística.

A PALAVRA EM RISCO: UMA CONVERSA COM DIEUDONNÉ NIANGOUNA

14 de março, sábado, das 14h às 16h

Sesc Vila Mariana

Grátis | Retirada de ingresso 1h antes da atividade

COM Dieudonné Niangouna e Guilherme Terreri

Guilherme Terreri conduz uma conversa com Dieudonné Niangouna sobre a palavra como disputa política e forma de sobrevivência pública. A partir de sua trajetória – pessoal e dramática – Niangouna aborda o que custa falar quando a língua e a cena carregam heranças coloniais e regimes de legitimação cultural.

Dieudonné Niangouna é autor, diretor, ator e educador. Nascido na República do Congo, fundou em 1997 a companhia Les Bruits de la Rue. Sua obra textual é amplamente reconhecida na Europa, África e América Latina.

Guilherme Terreri é crítico cultural, professor, pesquisador e educador popular. Conhecido pela personagem Rita von Hunty, já atuou em universidades, escolas e movimentos sociais no Brasil e no exterior.

PENSAMENTO-EM-PROCESSO

Convidadas, como a atriz Juliana Pardo e a autora Camila Rocha, entre outras, se reúnem após as apresentações para dialogar junto ao público e aos artistas sobre os espetáculos. Confira as sessões e a lista completa dos participantes em mitsp.org.

ESPECIAL

PALESTRA COM THOMAS OSTERMEIER

7 de março, sábado, das 14h às 15h30

Sesc Pinheiros | Auditório

Grátis | Retirada de ingresso 1h antes da atividade

Nesta palestra, intitulada *Uma Perspectiva Sociológica sobre o Teatro*, o diretor Thomas Ostermeier, importante nome do teatro mundial, expõe como a sociologia influencia diretamente seu trabalho – da abordagem artística aos temas escolhidos. O artista discorre, entre outros aspectos, sobre como a questão do pertencimento de classe é uma fonte fundamental de inspiração para situações dramáticas e constelações específicas de personagens em uma obra.

ENCONTRO COM ÉDOUARD LOUIS

9 de março, segunda, das 20h30 às 22h

Teatro Sérgio Cardoso

Grátis | Reserva de ingresso pela Sympla

MEDIAÇÃO Helena Vieira e Renan Quinalha

Um dos principais nomes da literatura contemporânea, o escritor francês Édouard Louis conversa com o público sobre aspectos presentes em sua obra literária de cunho autobiográfico e político. Além disso, o autor realiza uma sessão de autógrafos dos livros: *Lutas e Metamorfoses de uma Mulher*, *Desabamento*, *Mudar: Método*, *Monique se Liberta*, *O Fim de Eddy*, *Quem Matou Meu Pai* e *História da Violência*, todos publicados pela editora Todavia.

DIÁLOGO ENTRE THOMAS OSTERMEIER E ÉDOUARD LOUIS

8 de março, domingo, das 14h às 15h30

Sesc Pinheiros | Teatro Paulo Autran

Grátis | Retirada de ingresso 1h antes da atividade

MEDIAÇÃO Luiz Felipe Reis

O encenador alemão Thomas Ostermeier e o escritor francês Édouard Louis refletem, com mediação de Luiz Felipe Reis, sobre as escolhas estéticas e dramatúrgicas e os atravessamentos políticos e autobiográficos que permeiam sua colaboração teatral. Os dois trabalharam juntos nos espetáculos *História da Violência* e *Quem Matou Meu Pai*, ambos apresentados nesta edição da MITsp.

Thomas Ostermeier é um encenador alemão. Desde 1999, é diretor residente e membro da direção artística da Schaubühne, referência internacional na criação teatral contemporânea.

Édouard Louis é um escritor francês. Nascido como Eddy Bellegueule, seus livros se tornaram best-sellers. Em 2014, foi premiado por seu engajamento contra a homofobia.

Helena Vieira é escritora, dramaturga e pesquisadora. No teatro, investiga formas narrativas que ressignificam a história e a experiência de corpos dissidentes.

Renan Quinalha é advogado de direitos humanos, ativista LGBTQIA+ e professor da Unifesp. Escreve regularmente para grandes veículos na imprensa e realiza palestras e workshops sobre diversidade e inclusão.

Luiz Felipe Reis é diretor, dramaturgo, curador, jornalista e mestre em letras pela PUC/RJ. É cofundador da Polifônica e criou obras como *EDDY – violência & metamorfose*, a partir da obra de Édouard Louis.

PRÁTICA DA CRÍTICA

A convite da MITsp, a AICT-Brasil retoma a Prática da Crítica como um eixo crucial de análise, reflexão e debate sobre os sentidos do teatro no mundo. Com idealização de Daniel Guerra, Ferdinando Martins, Guilherme Diniz e Julia Guimarães, a ação propõe um desenho curatorial em que o fazer crítico não apenas acompanha a programação, mas a atravessa, historiciza e relê, desta vez ocupando também outros formatos no espaço digital.

Daniel Guerra é crítico de arte, editor da Revista Barril, escritor e diretor.

Ferdinando Martins é professor e pesquisador da USP, jurado do Prêmio Shell de Teatro e crítico de teatro e dança para o site Deus Ateu.

Guilherme Diniz é pesquisador, professor e crítico. Investiga teatralidades e dramaturgias negras, além de coeditar o site Horizonte da Cena.

Julia Guimarães é professora no Departamento de Artes Cênicas da UnB e coeditora da plataforma de crítica Horizonte da Cena.

LANÇAMENTO DE LIVROS

15 de março, domingo, a partir das 14h

TUSP | Grátis

O encontro promove o lançamento da revista *Cartografias*, publicação on-line da MITsp que traz ensaios e entrevistas em diálogo com a programação da mostra. Além disso, o evento conta com o lançamento de livros de teatro, performance e crítica, como *Focos Móveis: Atuação no Campo Intensivo das Artes da Cena* (Editora Javali), de Ana Kfoury, e *Teatro, vol. 1 - Orgia e Animal de estilo* (Cosac), de Pier Paolo Pasolini, entre outros títulos. Confira a lista completa em mitsp.org.

AÇÕES PEDAGÓGICAS

Ancorado na diversidade cênico-cultural, o eixo pedagógico da MITsp reúne oficinas, conversas e encontros com pesquisadores e artistas de diferentes territórios e áreas do conhecimento. Em diálogo com práticas artísticas dissidentes e culturas populares, a programação busca borrar hegemonias, oferecer experiências corporais não normativas e tensionar modos de criação e transmissão de saberes nas artes da cena.

CURADORIA Alexandra G. Dumas

OFICINAS

ARTE DRAG E AFROFABULAÇÃO

7 e 8 de março, sábado e domingo, das 15h às 18h
iBT – Instituto Brasileiro de Teatro | 3º andar
Grátis | Inscrições via formulário em mitsp.org

COM Thiago Romero

Nos encontros, a criação drag é investigada a partir dos conceitos de Afrofabulação, de Tavia Nyong'o, e de Fabulação Crítica, de Saidiya Hartman. Com condução de Thiago Romero, a oficina articula práticas, como montagem, jogos performativos e dublagem, e convida à experimentação drag como campo expandido entre arte, política e ancestralidade.

Thiago Romero é diretor, diretor de arte, ator e arte-educador. Criador de Barbárie Bundi, desenvolve com a arte drag uma obra que atravessa performance, música e artes visuais.

PISADA DO PULSO

9 e 10 de março, segunda e terça, das 15h às 18h
iBT – Instituto Brasileiro de Teatro | 3º andar
Grátis | Inscrições via formulário em mitsp.org

COM Helder Vasconcelos

A oficina trabalha gesto e som que partem do mesmo impulso. Quando essa força, nascida em nós, se mostra ao outro, o encontro é imediato. Daí surgem possibilidades de um fazer comum e intenso, em música e dança. O multiartista Helder Vasconcelos organizou esse método a partir do cavalo-marinho, do maracatu rural e de mais de 20 anos como oficineiro.

Helder Vasconcelos é músico, ator e dançarino. Um dos fundadores do grupo pernambucano Mestre Ambrósio, credita sua formação às brincadeiras de cavalo-marinho e maracatu rural e ao estudo da atuação com o grupo Lume.

INTELIGÊNCIA TEATRAL

9, 10 e 11 de março, segunda a quarta, das 14h às 17h

Casa do Povo

Grátis | Inscrições via formulário em mitsp.org

COM Stefan Kaegi

Pode o teatro ser um mundo aberto, como jogos de realidade virtual? Como fazer a performance reagir ao digital? Desde as origens, o teatro antecipa emoções e usa ilusões; a IA coloca o público em roteiros interativos nichados. Esta oficina investiga como os algoritmos podem virar jogos simples, audiotours e outras formas de performances imersivas.

Stefan Kaegi trabalha com teatro documentário e realiza obras colaborativas. Com Helgard Haug e Daniel Wetzel, fundou o Rimini Protokoll, grupo que dá voz a “especialistas” que não são, necessariamente, atores com formação profissional.

OJUIAN – LABORATÓRIO DE PREPARAÇÃO DE ATUANTES

11 e 12 de março, quarta e quinta, das 15h às 18h

iBT – Instituto Brasileiro de Teatro | 4º andar

Grátis | Inscrições via formulário em mitsp.org

COM Onisajé

Nesta oficina, os atuantes são convidados a entrar em contato com o laboratório cênico *Ativação do Movimento Ancestral*, processo que contribuiu para a criação da poética Teatro Preto de Candomblé, da diretora Onisajé. Ministrados pela artista, os encontros trabalham conceitos como sinestesia e ritualidade africana.

Onisajé é diretora de teatro. Tem mestrado e doutorado em artes cênicas pelo PPGAC/UFBA, além de atuar como dramaturga, preparadora e pesquisadora da cultura africana no Brasil.

TERRITÓRIOS NEGROS DE MÚSICA, DANÇA E TEATRO – O CONGADO MINEIRO

13 e 14 de março, sexta e sábado, das 15h às 18h

iBT – Instituto Brasileiro de Teatro | 4º andar

Grátis | Inscrições via formulário em mitsp.org

COM Renato Ihu

Articulando teoria e prática, a oficina conduzida por Renato Ihu investiga como gestos, danças e músicas constituem formas de transmissão de saberes e memórias ancestrais. Os encontros aprofundam estudos de manifestações como os jongos do Vale do Paraíba, os batuques de umbigada do oeste paulista e os congados mineiros, analisando suas relações com expressões artísticas contemporâneas.

Renato Ihu é pesquisador, percussionista e arte-educador com mais de 30 anos de trajetória dedicada à difusão de culturas de matriz africana, com ênfase no Sudeste brasileiro.

UM DEDO DE PROSA

COM THIAGO ROMERO

7 de março, sábado, das 14h às 15h

iBT – Instituto Brasileiro de Teatro | Palco Praça

Grátis | Reserva de ingresso pela Sympla

MEDIAÇÃO Alexandra G. Dumas

Como pesquisador das artes drag, Thiago Romero trabalha e desenvolve o conceito de Afrofabulação, tanto como encenador quanto como performer da sua afro drag queen, Barbárie Bundi. Diante desse mosaico de atuação, a conversa busca evidenciar os processos criativos de suas fabulações e os resultados cênicos do mundo drag e afrodiaspórico.

COM ONISAJÉ

11 de março, quarta, das 14h às 15h

iBT – Instituto Brasileiro de Teatro | Palco Praça

Grátis | Reserva de ingresso pela Sympla

MEDIAÇÃO Alexandra G. Dumas

A diretora Onisajé vem elaborando uma poética nos campos pedagógico e cênico que colocam em interseção o candomblé e o teatro. As suas experiências como sacerdotisa, pesquisadora e encenadora se amalgamam nessa construção, levantando questionamentos, processos e metodologias que servem de disparadores para essa prosa.

Alexandra G. Dumas é professora da Escola de Teatro da UFBA e do PPGAC/UFBA. Têm atuação nas áreas de culturas populares afro-brasileiras e em pedagogias e poéticas cênicas negrorreferenciadas.

Thiago Romero é diretor, diretor de arte, ator e arte-educador. Criador de Barbárie Bundi, desenvolve com a arte drag uma obra que atravessa performance, música e artes visuais.

Onisajé é diretora de teatro. Tem mestrado e doutorado em artes cênicas pelo PPGAC/UFBA, além de atuar como dramaturga, preparadora e pesquisadora da cultura africana no Brasil.

RODAS DE CONVERSAS

SOBRE PERFORMERS TRANSPLANTADOS, PLATEIAS CONTROLADAS A DISTÂNCIA E FERRAMENTAS DIGITAIS

9 de março, segunda, das 14h às 17h

Casa do Povo

Grátis | Reserva de ingresso pela Sympla

COM Stefan Kaegi

Realidade, ficção, jogo e narrativa vivem em uma área cinzenta. Nesta conversa, Stefan Kaegi deseja que a mistura de materiais documentais e intervenções teatrais seduzam os participantes. Por isso, ele vai exibir e comentar vídeos curtos de produções recentes do Rimini Protokoll, seu coletivo teatral, além de estratégias de reencenação.

Stefan Kaegi trabalha com teatro documentário e realiza obras colaborativas. Com Helgard Haug e Daniel Wetzel, fundou o Rimini Protokoll, grupo que dá voz a “especialistas” que não são, necessariamente, atores com formação profissional

CULTURAS CÊNICAS: NEGRA, INDÍGENA, POPULAR E BRASILEIRA

11 de março, quarta, das 18h às 20h
iBT – Instituto Brasileiro de Teatro
Grátis | Reserva de ingresso pela Sympla

COM João Nyn e Helder Vasconcelos

MEDIAÇÃO Renato Ihu

Grande parte das culturas populares brasileiras possui matrizes negras e indígenas, mas, quando alçadas à condição de “nacionais”, suas referências originais são apagadas. A mesa discute temas como racismos epistêmico e cênico, apropriação cultural, apagamento e noção de universalização do teatro diante da diversidade das culturas cênicas.

Juão Nyn é multiartista potyguara, militante do movimento indígena, integrante do Coletivo Estopô Balaio e da banda Androyde Sem Par. Formado em teatro, escreveu o livro *TYBYRA: Uma Tragédia Indígena Brasileira*.

Helder Vasconcelos é músico, ator e dançarino. Um dos fundadores do grupo Mestre Ambrósio, credita sua formação às brincadeiras de cavalo-marinho e maracatu rural e ao estudo com o grupo Lume.

Renato Ihu é pesquisador, percussionista e arte-educador com mais de 30 anos de trajetória dedicada à difusão de culturas de matriz africana, com ênfase no Sudeste brasileiro.

CULTURAS DEF E CRIAÇÃO: ONDE ESTÁ O ACESSO?

12 de março, quinta, das 16h às 18h
iBT – Instituto Brasileiro de Teatro
Grátis | Reserva de ingresso pela Sympla

COM Edu O. e Leo Castilho

MEDIAÇÃO Estela Lapponi

Uma noção hegemônica e impositiva sobre o corpo opera na nossa sociedade, impondo uma padronização capacitista de funcionamento na estrutura social. A conversa vai mostrar como artistas com deficiência enfrentam essa estrutura de exclusão, ao mesmo tempo em que lutam contra ela, criam poéticas que borram, tensionam e desafiam esses limites.

Edu O. é professor da Escola de Dança da UFBA, coreógrafo, dançarino, performer e escritor. Dirige o Grupo X de Improvisação em Dança e é colíder do Grupo PORRA.

Leo Castilho é ator, performer, poeta, educador, produtor cultural e curador. Surdo sinalizante, faz parte do Slam do Corpo, primeira batalha de poesia sinalizada e falada.

Estela Lapponi é performer, videoartista e terrorista poética. Investiga o discurso cênico do corpo Def, a prática performativa e relacional e o trânsito entre as linguagens visuais e cênicas.



FICHA TÉCNICA – MITsp 2026

IDEALIZAÇÃO E DIREÇÃO ARTÍSTICA

Antonio Araujo

IDEALIZAÇÃO E DIREÇÃO GERAL

DE PRODUÇÃO Guilherme Marques

DIRETOR DE RELAÇÕES

INTERNACIONAIS Rafael Steinhauser

CURADORIA OLHARES CRÍTICOS

Helena Vieira

CURADORIA AÇÕES PEDAGÓGICAS

Alexandra G. Dumas

CURADORIA MITbr – PLATAFORMA

BRASIL Carmen Luz, Francis Madson,
Quito Tembe

CURADORIA PERFORMA12h

Rodrigo Severo

CURADORIA CONEXÕES CENTRO-

OESTE Galiana Brasil, Carlos Gomes |
Itaú Cultural

COORDENAÇÃO GERAL DE

PRODUÇÃO Rachel Brumana

COORDENAÇÃO ADMINISTRATIVA

E FINANCEIRA Hiago Marques

COORDENAÇÃO DE RELAÇÕES

INTERNACIONAIS Fernando Ruiz Braun

COORDENAÇÃO TÉCNICA Grazi Vieira

COORDENAÇÃO DE LOGÍSTICA

Dora Leão

COORDENAÇÃO DE RELAÇÕES

RELAÇÕES PÚBLICAS E
INSTITUCIONAIS Dani Correia

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

DA MITbr – PLATAFORMA BRASIL

Paulo Girčys

COORDENAÇÃO DOS EIXOS

REFLEXIVO E PEDAGÓGICO

Iramaia Gongora

COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO

Maurício Coronado

COORDENAÇÃO DE CONTEÚDO

EDITORIAL Mariana Marinho

COORDENAÇÃO DE ACESSORIA

DE IMPRENSA Márcia Marques

| Canal Aberto

ASSISTÊNCIA DE CURADORIA DA

DIREÇÃO ARTÍSTICA Andreia Duarte,

Fernando Ruiz Braun

EDIÇÃO CARTOGRAFIAS,

LANÇAMENTOS E PRÁTICA DA

CRÍTICA Ferdinando Martins

SUPERVISÃO DE PROJETOS

Isadora Petrin

PRODUÇÃO EXECUTIVA Carmen Mawu

Lima, Giovanna Monteiro, Veni Barbosa

ASSESSORIA JURÍDICA José Augusto

Vieira de Aquino

ASSESSORIA CONTÁBIL/TRIBUTÁRIA

Carvalho Ramos Consultoria Contábil

Tributária S/S

ASSISTENTE DE COORDENAÇÃO

ADMINISTRATIVA E FINANCEIRA

Nathália Monteiro

ASSISTENTE DE RELAÇÕES

INSTITUCIONAIS E PÚBLICAS

Bruno Lelis

ASSISTENTE DE RELAÇÕES

INTERNACIONAIS Lheo Shiroma,

Lua Negrão

ASSISTENTE DE COORDENAÇÃO

TÉCNICA Giovanna Gonçalves

ASSISTENTES DE COORDENAÇÃO

DE LOGÍSTICA Fernanda Gama,

Samuel Kobayashi, Sarah Graciano

ASSISTENTES DE COORDENAÇÃO DE

PRODUÇÃO DA MITbr – PLATAFORMA

BRASIL Joy Catharina, Bina Oliveira

ASSISTENTE DE COORDENAÇÃO DE

PRODUÇÃO DOS EIXOS REFLEXIVO E

PEDAGÓGICO Igor Nascimento

ASSISTENTE DE COORDENAÇÃO

DE COMUNICAÇÃO Lyvia Gamarco,

Tatiana Machado

ASSISTENTE DE COORDENAÇÃO

DE CONTEÚDO Ana Elisa Faria

ASSISTENTES DE ACESSORIA DE

IMPRENSA Flávia Fontes de Oliveira,

Carina Bordalo, Daniele Valério

ASSISTENTE DE ACESSORIA

JURÍDICA Nathalia Migliatti

ASSESSORIA DE PROJETOS

Thiane Lavrador

CAPTAÇÃO DE RECURSOS

FINANCEIROS E APOIOS

Guilherme Marques

CONSULTORIA E IMPLANTAÇÃO

CENOGRÁFICA Carolina Bucek

CONSULTORIA TÉCNICA André Boll,

Guilherme Ramos, Rodrigo Gava

PRODUTORES LOCAIS DOS

ESPETÁCULOS INTERNACIONAIS

Aura Cunha, Claude Amar, Julio

Cesarini, Ricardo Muniz Fernandes

PRODUTORAS LOCAIS DOS

ESPETÁCULOS MITbr – PLATAFORMA

BRASIL Caroline Ferreira, Lipe Lima,

Thaís Póvoa, Thiago Félix, Vicky Ferrari

PRODUTORES DOS EIXOS REFLEXIVO

E PEDAGÓGICO Edan Mar, Leonardo

Monteiro, Isadora Fávero

EQUIPE TÉCNICA Aledj Moreira (equipe

de carregadores/apoio), Benedito

Beatriz, Calu Batista, Cynthia Monteiro,

Diego França, Douglas Mikael, Emilie

Becker, Felipe Venâncio, Fernando

Zimolo, Gabriela Miranda, Joana

Pegorari, José Dahora, Júlia Fávero,

Juliana Mezza, Luana Alves, Tela

Mágica (equipe de montagem vídeo/

projeção), Mark II (equipe de montagem

sonorização), Mauro José, Nicolas

Caratori, Pero Manzé, Rafael Alcântara, Raquel Balekian, Ronaldo Zero, Santa Luz (equipe de montagem iluminação), Tatiana Benites, Vic Von Poser, Vivi Barbosa, Wanderley Wagner

CAMAREIRAS Arieli Marcondes
Produções Artísticas

CATERING Maria Foi Pra Cozinha,
Jacque Vilar

SERVIÇOS GERAIS Jair Nascimento

IDENTIDADE VISUAL Hélder Pessoa

PROJETO GRÁFICO E DESIGN
Lila Botter, Amanda Dafoe

PROJETO GRÁFICO DO SITE
Marina Duca

REDES SOCIAIS Lyvia Gamerco,
Tatiana Machado, ERA - Empório
de Relacionamentos Artísticos

TRADUÇÃO SIMULTÂNEA AM3
Traduções | Cecília Mattos

**TRADUÇÃO DE TEXTOS DOS
ESPETÁCULOS** Christine Röhrig
(*História da Violência*), Marília Scalzo
(*Quem Matou Meu Pai*), Rawa Alsagheer
(*Três Estações e um Corpo* | *Trois
Saison et un Corps*), Renato Farias,
Thiago Hypolito (*Do Lado de Cá*)

LEGENDAS DOS ESPETÁCULOS
Tempo Filmes | Andréia Manfrin Alves,
Dea Moretto, Gustavo Delatorre
Assef, Roberta Fabbri Viscardi (equipe
de tradução), Fernando Monteiro

Gonçalves, Flavia Mariano de Aquino,
Steffani Kaori Gusukuma Conidi,
Pedro Rocha (equipe de operação),
Isadora Machado, Gabriela Bitencourt
(equipe de produção)

REVISÃO DE CONTEÚDO EDITORIAL
Samantha Arana

COBERTURA FOTOGRÁFICA
Foco in Cena

**REGISTRO VIDEOGRÁFICO E
PRODUÇÃO AUDIOVISUAL**
ERA - Empório de Relacionamentos
Artísticos

LIBRAS Mão Preta Libras

AUDIODESCRIÇÃO Ver com Palavras

BILHETERIA Nayara Magalhães

**CONCEPÇÃO DO BOOK DE
CAPTAÇÃO DE RECURSOS
FINANCEIROS E APOIOS** Osvaldo Piva

MESTRES DE CERIMÔNIAS
Yara de Novaes, Rafael Ferro

**ROTEIRO DA CERIMÔNIA DE
ABERTURA** Sílvia Gomez

**INTERCÂMBIO PROFISSIONAL
MITsp E KINANI - BIENAL DE DANÇA
CONTEMPORÂNEA DE MAPUTO
(MOÇAMBIQUE)** Silvana Carlos Soares
de Pombal, Raudina Rogério Cuinica

**INTERCÂMBIO PROFISSIONAL
MITsp E SECRETARIA MUNICIPAL DE
CULTURA, ESPORTES E TURISMO DE
PEÇANHA (MG – SECULT)** Conceição

Lobo, Diana Rosa, Diego Valdane,
Eliane Dias, Goreth Venâncio Marcos
Pinheiro, Leonardo Monteiro

AGRADECIMENTOS

Adriana Macedo

Aginaldo Moreno

Airton José Marangon

Alessandro Azevedo

Alexandre Pflug

Aline Mohamad

Aline Vila Real

Álvaro Filho

Ana Kfour

Álvaro Machado

André Sturm

Aninha de Fátima Souza

Anna Helena da Costa Polistchuk

Artur Kon

Aurea Vieira

Benjamin Seroussi

Bernardo Galegale

Beto Capobianco

Bob Oliviera

Bob Sousa

Brigida Sousa

Carlos Giannazi

Carlos Moreira Gomes

Carolina Minhoto

Celso Curi

Celso Giannazi

Cléria Moura

Daisaku Ikeda (*in memorian*)

Daniel Guerra

Debora Viana

Diego Valladares

Eduardo Fragoaz

Eduardo Saron

Elaine Cristina Lopes de Oliveira

Eliane da Rocha

Elisa Volpattro

Emilio Kalil

Equipe da AICT-Brasil

Equipe da Casa do Povo

Equipe da Coordenadoria de
Teatros e Centros Culturais da
Secretaria Municipal de Cultura

Equipe da Corpo Rastreado

Equipe da Gerência de Ação
Cultural do Sesc São Paulo

Equipe do Centro Cultural São Paulo

Equipe do Goethe-Institut
de São Paulo

Equipe do Instituto Brasileiro
de Teatro – iBT

Equipe do Instituto Capobianco

Equipe do Itaú Cultural

Equipe do MinC

Equipe do SATED SP

Equipe da Secretaria Municipal

de Cultura e Economia Criativa
de São Paulo
Equipe do Sesc Pinheiros
Equipe do Sesc Vila Mariana
Equipe do Sesi-SP
Equipe do Teatro Sérgio Cardoso
Equipe do Teatro Oficina Uzyna Uzona
Equipe do TUSP
Érika Dutra Mourão
Fabrício Floro
Fause Hatén
Francesca Tedeschi
Felipe Hoenen
Gaelle Massicos Bitty
Gabi Gonçalves
Galiana Brasil
Gui Miralha
Guilherme Diniz
Guto Portugal
Helena Forghieri
Heloisa Pisani
Henilton Menezes
Isadora Braga
Jader Rosa
Joana Ferreira
João Victor Travassos Santos
José Aragão
José Mauro Gnaspini
Júlia Guimarães
Julian Correia de Aquino

Júlio César Dória
Jupira Santos
Leonardo Lessa
Lígia Cortez
Lorinaldo Silva
Lauanda Varone
Luah Guimarães
Luana Nagasaka
Luciene Cavalcante
Luiz Deoclécio Massaro Galina
Luiz Fernando Ramos
Luiza Helena Thesin
Maira Tardelli de Azevedo Pompeu
Marcele Rocha
Marcelo Drummond
Marcelo Rocha
Márcio Boaro
Marcio Tavares
Marco Antônio Nakata
Margareth Menezes
Maria Beatriz Cardoso
Maria Helena Franco de Araújo Bastos
Maria Marighella
Mariana Guarnieri
Mariano Mattos
Marina Turino
Martim Villares
Matthias Makowski
Michele Rolim
Morizi Talles

Natália Risovas
Nathalia Bergocce
Nélida Capela
Ney Piacentini
Nina Brumana Camozzi
Odecir Luiz Prata da Costa
Patrice Pauc
Pedro Leão
Priscila Borges
Regina Célia da Silveira Santana
Renate Heilmeyer
René Piazzentin
Ricardo Cardoso
Ricardo Muniz Fernandes
Ricardo Ohtake
Rita Teles
Robson Outeiro
Rodrigo Fidelis
Rodrigo Lorena
Rodrigo Massi
Rosana Paulo da Cunha
Rubens Carsoni
Rudífran Pompeu
Rui Moreira
Sérgio Dávila
Silas Martí
Silvana Santos
Sílvia Fernandes
Sulla Andreato
Thainá Gonçalves Silva

Thiago Albanese
Tião Soares
Totó Parente
Wesley Kawaai

PATRONOS

Adela Gueller
Mariângela Abbatepaulo
Marcelo Araujo
Marisa Riccitelli
Ricardo Ohtake



APRESENTAÇÃO



PATROCÍNIO



COPATROCÍNIO



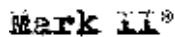
PARCERIA INSTITUCIONAL



APOIO INSTITUCIONAL



APOIO CULTURAL



PARCERIA DE MÍDIA



APOIO AÉREO



AGÊNCIA DE TURISMO OFICIAL



CANAIS OFICIAIS DE VENDA



PONTO DE ENCONTRO



REALIZAÇÃO



INGRESSOS

mitsp.org/2026/ingressos

A MITsp não possui uma bilheteria unificada. Assim, a venda, ou a reserva de ingressos, é realizada on-line por meio dos canais oficiais utilizados pelos teatros e espaços culturais que recebem a programação do festival.

A venda ou distribuição das entradas no dia de cada apresentação está sujeita à disponibilidade de ingressos.

As reservas on-line dos ingressos gratuitos são garantidas até 15 minutos antes do início do espetáculo.

No caso da programação gratuita apresentada no Itaú Cultural, caso os ingressos esgotem no site, uma fila de espera será formada, presencialmente, 1h antes do início do espetáculo. Em caso de desistências, os lugares vagos serão ocupados por ordem de chegada.

A meia-entrada contempla estudantes, idosos e classe artística, mediante apresentação de documento (carteirinha de estudante, RG e DRT, respectivamente).

Formas de pagamento: PIX, cartão de crédito e cartão de débito

ENDEREÇOS

CASA DO POVO

R. Três Rios, 253, Bom Retiro

CENTRO CULTURAL SÃO PAULO

R. Vergueiro, 1000, Liberdade

ESPAÇO SOBREVENTO

R. Cel. Albino Bairo, 42, Belenzinho

IBT – INSTITUTO BRASILEIRO DE TEATRO

Av. Brigadeiro Luís Antônio, 277, Bela Vista

ITAÚ CULTURAL

Av. Paulista, 149, Bela Vista

SESC PINHEIROS

R. Paes Leme, 195, Pinheiros

SESC VILA MARIANA

R. Pelotas, 141, Vila Mariana

TEATRO LIBERDADE

R. São Joaquim, 129, Liberdade

TEATRO DO SESI-SP

Av. Paulista, 1313, Cerqueira César

TEATRO SÉRGIO CARDOSO

R. Rui Barbosa, 153, Bela Vista

TUSP

R. Maria Antônia, 294, Vila Buarque

PONTO DE ENCONTRO

Em 2026, o IBT – Instituto Brasileiro de Teatro será o ponto de encontro da 11ª MITsp. Durante o festival, o espaço se transforma em um ambiente informal de convivência e troca entre público, artistas e profissionais das artes cênicas.

ACESSIBILIDADE

A MITsp preza pela inclusão de acessibilidade em sua programação. De acordo com a indicação em cada um dos espetáculos e atividades reflexivas, disponíveis neste guia e no site mitsp.org, as ações podem contar com:



Acessibilidade arquitetônica



Interpretação em Libras



Cartilha Atípica



Audiodescrição

Além disso, todos os espetáculos internacionais contam com legendas em português. Algumas sessões dos espetáculos nacionais também possuem legendas em inglês.

A Cartilha Atípica é um material de leitura simplificada que antecipa o que acontece em cena, a fim de contribuir para uma comunicação mais acessível com pessoas neurodivergentes. Cada uma delas será disponibilizada fisicamente nos locais de apresentação que contam com esse recurso de acessibilidade.

MOSTRAS PARALELAS

Além da própria programação, a MITsp contribui para a ativação de diversas ações em torno das artes cênicas na cidade de São Paulo. Mostras e programações paralelas acontecem simultaneamente ao período do festival, ampliando os espaços de circulação e encontro entre artistas, público, pesquisadores, produtores e gestores. Esse contexto forma uma rede de contato e fomento às artes cênicas, fortalecendo a cena nacional e seus processos de internacionalização.

Entre os eventos estão a **Mostra Perspectiva**, organizada pelo IBT, com obras protagonizadas por artistas com deficiência, a **Mostra Capobianco**, que reúne quatro títulos da cena contemporânea nacional, apresentados durante as residências artísticas realizadas pelo Instituto Capobianco, e a **Farofa do Processo**, da Corpo Rastreado, que apresenta processos artísticos na Casa Farofa e em espaços no bairro do Bixiga.

Confira a programação completa em [@ibteatro](https://twitter.com/ibteatro), [@institutocapobianco](https://twitter.com/institutocapobianco) e [@farofasp](https://twitter.com/farofasp)

GRADE DE ESPETÁCULOS

■ ESPETÁCULOS INTERNACIONAIS

■ MITbr - PLATAFORMA BRASIL

Programação sujeita a alteração. Informações em mitsp.org

6 SEX	19h30 [PARA CONVIDADOS] 120 min Teatro Liberdade HISTÓRIA DA VIOLÊNCIA
-------	--

7 SÁB	17h 60 min TUSP FILOCTETES EM LEMNOS	
	19h 75 min Itaú Cultural ATRÁS DAS PAREDES	19h 80 min Teatro do Sesi-SP A CARTA
	21h 60 min CCSP VOGUE FUNK	21h 120 min Teatro Liberdade HISTÓRIA DA VIOLÊNCIA

8 DOM	17h 60 min TUSP FILOCTETES EM LEMNOS	
	18h 80 min Teatro do Sesi-SP A CARTA	
	19h 75 min Itaú Cultural ATRÁS DAS PAREDES	
	20h 120 min Teatro Liberdade HISTÓRIA DA VIOLÊNCIA	
	21h 60 min CCSP VOGUE FUNK	

9 SEG	17h 60 min TUSP FILOCTETES EM LEMNOS	
	18h 80 min Teatro do Sesi-SP A CARTA	
	21h 60 min iBT CAVUCADA – A FESTA NÃO SERÁ AMANHÃ	

10 TER	15h 50 min iBT TRÊS ESTAÇÕES E UM CORPO TROIS SAISONS ET UN CORPS	
	18h 50 min iBT TRÊS ESTAÇÕES E UM CORPO TROIS SAISONS ET UN CORPS	
	19h 60 min Itaú Cultural GALHADA, EM TEMPOS DE FISSURA	
	20h30 70 min Teatro Sérgio Cardoso TA SOBRE SER GRANDE	
	22h 60 min iBT CAVUCADA – A FESTA NÃO SERÁ AMANHÃ	

11 QUA	18h 60 min CCSP EPÍLOGO	
	19h 60 min Itaú Cultural GALHADA, EM TEMPOS DE FISSURA	
	20h 90 min Sesc Pinheiros QUEM MATOU MEU PAI	
	20h30 70 min Teatro Sérgio Cardoso TA SOBRE SER GRANDE	
	22h 60 min iBT JUKYBOX	

12 QUI	16h 60 min CCSP EPÍLOGO	
	17h às 5h iBT PERFORMA12h	
	19h 50 min Itaú Cultural DANÇA BOBA	
	20h 90 min Sesc Pinheiros QUEM MATOU MEU PAI	
	20h45 iBT SSOL – PAISAGEM 03	

13 SEX	19h 50 min Itaú Cultural DANÇA BOBA	
	20h 90 min Sesc Pinheiros QUEM MATOU MEU PAI	20h 55 min Sesc Vila Mariana DO LADO DE CÁ
	21h 80 min Teatro do Sesi-SP VIGIADA E PUNIDA	21h 75 min Espaço Sobrevento PARA MARIELA

14 SÁB	16h 70 min CCSP REPUBLIKKK OU ENCRUZILHADA NÃO É BECO	
	18h 50 min Itaú Cultural CABEÇA DE TOCO, AQUI TUDO É MATO	
	20h 80 min Teatro do Sesi-SP VIGIADA E PUNIDA	
	20h 55 min Sesc Vila Mariana DO LADO DE CÁ	
	21h 75 min Espaço Sobrevento PARA MARIELA	

15 DOM	16h 70 min CCSP REPUBLIKKK OU ENCRUZILHADA NÃO É BECO	
	18h 50 min Itaú Cultural CABEÇA DE TOCO, AQUI TUDO É MATO	18h 55 min Sesc Vila Mariana DO LADO DE CÁ
	20h 80 min Teatro do Sesi-SP VIGIADA E PUNIDA	

OLHARES CRÍTICOS E AÇÕES PEDAGÓGICAS

■ AÇÕES PEDAGÓGICAS

■ OLHARES CRÍTICOS

Programação sujeita a alteração. Informações em mitsp.org

7 SÁB	14h 90 min Sesc Pinheiros PALESTRA COM THOMAS OSTERMEIER	14h 60 min iBT UM DEDO DE PROSA COM THIAGO ROMERO
	15h 180 min iBT OFICINA ARTE DRAG E AFROFABULAÇÃO	16h 120 min iBT REFLEXÕES ESTÉTICO-POLÍTICAS CENA, MEMÓRIA E RECONTAR O IRREPARÁVEL
	Após a apresentação de <i>História da Violência</i> , das 21h Teatro Liberdade PENSAMENTO-EM-PROCESSO	
8 DOM	14h 90 min Sesc Pinheiros DIÁLOGO ENTRE THOMAS OSTERMEIER E ÉDOUARD LOUIS	15h 180 min iBT OFICINA ARTE DRAG E AFROFABULAÇÃO
	Após a apresentação de <i>Filoctetes em Lemnos</i> , das 17h TUSP PENSAMENTO-EM-PROCESSO	
	Após a apresentação de <i>A Carta</i> , das 18h Teatro do Sesi-SP PENSAMENTO-EM-PROCESSO	
9 SEG	14h 180 min Casa do Povo RODA DE CONVERSA SOBRE PERFORMERS TRANSPLANTADOS, PLATEIAS CONTROLADAS A DISTÂNCIA E FERRAMENTAS DIGITAIS	
	14h 180 min Casa do Povo OFICINA INTELIGÊNCIA TEATRAL	15h 180 min iBT OFICINA PISADA DO PULSO
	16h 120 min iBT DIÁLOGOS TRANSVERSAIS QUANDO A OBRA MUDA O ESPAÇO: IMAGEM, PRESENÇA E INTERVENÇÃO	20h30 90 min Teatro Sérgio Cardoso ENCONTRO COM ÉDOUARD LOUIS
10 TER	14h 180 min Casa do Povo OFICINA INTELIGÊNCIA TEATRAL	
	14h 120 min iBT DIÁLOGOS TRANSVERSAIS QUEM CONTA, COMO CONTA: TEATRO E CINEMA FORA DO ENQUADRAMENTO	

10 TER	15h 180 min iBT OFICINA PISADA DO PULSO	
	16h 120 min iBT REFLEXÕES ESTÉTICO-POLÍTICAS TEATRO EXPERIMENTAL DO NEGRO: MEMÓRIA, TRANSMISSÃO, PERMANÊNCIA	
11 QUA	14h 180 min Casa do Povo OFICINA INTELIGÊNCIA TEATRAL	14h 60 min iBT UM DEDO DE PROSA COM ONISAJÉ
	15h 180 min iBT OFICINA OJUIANAN – LABORATÓRIO DE PREPARAÇÃO DE ATUANTES	
	16h 120 min iBT REFLEXÕES ESTÉTICO-POLÍTICAS PALAVRA QUE AGE: SLAM, PARTICIPAÇÃO E TEATRO POLÍTICO NO PRESENTE	18h 120 min iBT RODA DE CONVERSA CULTURAS CÊNICAS: NEGRA, INDÍGENA, POPULAR E BRASILEIRA
	Após a apresentação de <i>Galhada, Em Tempos de Fissura</i> , das 19h Itaú Cultural PENSAMENTO-EM-PROCESSO	
12 QUI	15h 180 min iBT OFICINA OJUIANAN – LABORATÓRIO DE PREPARAÇÃO DE ATUANTES	16h 120 min iBT RODA DE CONVERSA CULTURAS DEF E CRIAÇÃO: ONDE ESTÁ O ACESSO?
13 SEX	15h 180 min iBT OFICINA TERRITÓRIOS NEGROS DE MÚSICA, DANÇA E TEATRO – O CONGADO MINEIRO	16h 120 min iBT DIÁLOGOS TRANSVERSAIS O CORPO NA CENA E NA IMAGEM: ENTRE A VISIBILIDADE E A CAPTURA
14 SÁB	14h 120 min Sesc Vila Mariana DIÁLOGOS TRANSVERSAIS A PALAVRA EM RISCO: UMA CONVERSA COM DIEUDONNÉ NIANGOUNA	15h 180 min iBT OFICINA TERRITÓRIOS NEGROS DE MÚSICA, DANÇA E TEATRO – O CONGADO MINEIRO
	16h 120 min iBT REFLEXÕES ESTÉTICO-POLÍTICAS DRAMATURGIAS DO PRESENTE: MEMÓRIA, VERSÃO E OS LIMITES DE REPRESENTAR A VIOLÊNCIA	Após a apresentação de <i>Vigiada e Punida</i> , das 20h Teatro do Sesi-SP PENSAMENTO-EM-PROCESSO
	14h TUSP LANÇAMENTOS DE LIVROS	
15 DOM	Após a apresentação de <i>Republikkk ou Encruzilhada Não É Beco</i> , das 16h CCSP PENSAMENTO-EM-PROCESSO	

